



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL — ORGANIZACIONAL

JOÃO GABRIEL GOMES MAIA DOS SANTOS

**GOVERNAMENTALIDADE ALGORÍTMICA**

Comunicação e sociabilidade na era da tecnologia

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL

2022

JOÃO GABRIEL GOMES MAIA DOS SANTOS

**GOVERNAMENTALIDADE ALGORÍTMICA**

Comunicação e sociabilidade na era da tecnologia

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Organizacional sob orientação da Professora Doutora Fabíola Orlando Calazans Machado.

JOÃO GABRIEL GOMES MAIA DOS SANTOS

**GOVERNAMENTALIDADE ALGORÍTMICA**

Comunicação e sociabilidade na era da tecnologia

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Organizacional da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Organizacional sob orientação da Professora Doutora Fabíola Orlando Calazans Machado.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Fabíola Orlando Calazans Machado (Orientadora)

---

Prof. Dr. Felipe da Silva Polydoro (Membro)

---

Ma. Vanessa Santos de Freitas (Membro)

---

Prof. Dr. Sérgio Araujo de Sá (Suplente)

## AGRADECIMENTOS

### **Das tripas, fizeram coração.**

Mãe, como a Aurora Boreal, você é fenômeno apaixonante, indescritível e magnético. Você me levantou nos momentos mais baixos e me manteve na linha nos momentos mais altos. Com elegância inigualável, abriu-me os portões do parque da vida com seu jeito ponderado e pavimentou o início da minha jornada, assim como pavimentava uma calçada — em sentido literal — um dia antes de eu nascer.

Pai, como o Sol da Meia-Noite, você é evento luz, imponente e confortante. Você que me mostrou como equilibrar as coisas importantes da vida. Mestre de judô, é meu exemplo de como levar as situações com tranquilidade e bom-humor.

Do começo ao fim, sempre meus pais. Sempre seu filho.

### **Exposição a céu aberto e instalação contemporânea.**

Parceira de crime, espécie rara e obra de arte: Ana Laura. Minha irmã. Pessoa mais feliz do mundo, você encanta todos a sua volta. Com seu sorriso inesquecível e seu carisma sem igual, traz leveza a minha vida todos os dias. Nosso lema sem brigas é fundação da nossa conexão.

*Minha família, obrigado por serem parte da minha vida. Amo vocês.*

### **A estrada começa com o pé direito [...]**

Desde o começo vocês estiveram comigo, apoiando-me nos momentos mais difíceis, ouvindo meus desabafos, minhas histórias e compartilhando a de vocês. Ana Luiza, Fernanda Cortez, Pedro Augusto e Raphaela, vocês são parceria, companheirismo e união. Uma vez me falaram que amizades duram em média 7 anos e, bom, eu tenho uma notícia para contar: temos mais que o dobro disso. Minha segunda família — essa que escolhi —, sei que posso contar com vocês para tudo.

Dizem que casa é onde nosso coração está. Sempre estive em casa com vocês.

Obrigado por nunca saírem do meu lado.

### **[...] e termina com o pé direito.**

Minha história em Comunicação Organizacional começou em 2018, com vocês. Minha panelinha, minhas amigas de curso, minha estrutura nesses anos de universidade.

Catarina, Fernanda Gouveia e Gabriela Magalhães, obrigado pelas noites na UnB, pelos trabalhos em grupo e sofrimento coletivo. Chegamos a 2019 e nosso grupo cresceu. Alô, Gabriela Furtado. Obrigado por ter nos integrado e vivido esses anos tão intensamente conosco.

Nossos encontros já viraram tradição natalina. Obrigado por tudo.

### **Potencialidades do mundo e um futuro brilhante.**

Agradeço imensamente a minha orientadora Fabíola Calazans por ter me mostrado diferentes perspectivas e aberto meus olhos para as possibilidades do conhecimento. Impulsionou-me a buscar novos entendimentos sobre o ser e estar no mundo. Muito obrigado.

Nossa jornada começa um pouco antes do TCC, mas se a fórmula dá certo, repetimos.

### **No centro da floresta encontra-se a árvore-da-vida.**

Chegar até aqui foi muito intenso. Vivi situações impensáveis, em que nada parecia que daria certo. Mas no fim, deu. Tudo deu. Sou muito grato por todo mundo que me ajudou ao longo do meu percurso acadêmico e durante a minha vida.

Que venham novas oportunidades, mais conhecimento e descobertas nesse mundo que conhecemos tão pouco. Espero orgulhar todos vocês no futuro, nem que seja apenas um pouquinho.

Aos citados e não citados, meu mais sincero:

Muito Obrigado.

## EPÍGRAFE

While the advancement of technology is an amazing thing, and it helps make our lives more convenient in many ways, I worry that this constantly connected, always-online, dependent-on-apps reality is going to turn us into a lazy, entitled, almost diva-like generation.

Note to Self - Connor Franta

(FRANTA, 2018, p. 261)

## RESUMO

Este trabalho visa à análise das relações entre indivíduo e tecnologia frente a uma sociedade guiada pelas racionalidades neoliberais e pela globalização. De caráter ensaístico e com fundamentação teórica, o projeto é fruto de uma pesquisa exploratória bibliográfica nas áreas de comunicação, sociologia e tecnologia. Diante do conceito de governamentalidade algorítmica, em que os dados e os algoritmos assumem o controle dos processos comunicacionais e da sociabilidade humana, o trabalho constrói-se de modo a entender as consequência desse raciocínio neoliberal na sociedade contemporânea. Trabalhando autores como Fernanda Bruno, Shoshana Zuboff e Milton Santos, são trazidas questões sobre como o neoliberalismo incide atualmente na organização social, além de discorrer sobre modos de controle, mídias sociais e aplicativos preditivos, e também abordar resistências, devires digitais e o futuro das interações humanas.

**Palavras-chave:** comunicação; governamentalidade algorítmica; sociabilidade; sociedade do controle; vigilância.

## ABSTRACT

This paper analyses the relationship between the individual and the technology based in a society guided by neoliberal rationalities and globalization. As a critical essay with theoretical base, this project is the result of a exploratory research on fields like communication, sociology, and technology. Bearing the concept of algorithmic governmentality, in which data and algorithms have control over communicational processes and human sociability, the paper aims to understand the consequences of the neoliberal rationality in the contemporary society. Based on the works of authors such as Fernanda Bruno, Shoshana Zuboff, and Milton Santos, this thesis investigates on ideas like how neoliberalism builds itself in the social organization, besides describing societal control, social media, and applications. More, the project brings concepts of digital resistance, digital development, and the future of human interactions.

**Keywords:** communication; algorithmic governmentality; sociability; society of control; vigilance.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>9</b>
<b>2. Neoliberalismo, tecnologias digitais e governamentalidade algorítmica</b>	<b>12</b>
2.1. Proposições neoliberais na organização social	12
2.2. Desdobramentos tecnológicos e digitais da contemporaneidade	17
<b>3. As novas formas de sociabilidade</b>	<b>21</b>
3.1. Uberização da vida — o fim do acaso e a crise individual	21
3.2. Mídias sociais e aplicativos como sintoma da racionalidade neoliberal	25
<b>4. Resistências e devires digitais</b>	<b>32</b>
4.1. Quais são as formas de resistência?	33
4.2. O futuro das interações humanas	38
<b>5. Considerações Finais</b>	<b>43</b>
<b>6. Referências</b>	<b>46</b>

## 1. Introdução

O funcionamento da sociedade contemporânea está ligado às preposições ideológicas a recair sobre ela, a partir do entendimento que o sujeito adapta-se àquilo que está exposto. Diante de um aspecto desenvolvimentista tecnológico, os círculos sociais organizam-se de uma forma a utilizar a tecnologia a seu favor, acelerando tarefas, aprimorando análises, facilitando os cotidianos. No entanto, essa fundamentação homem-tecnologia encontra-se ao serviço do neoliberalismo — principal ideologia que versa o mundo atualmente. Sobre a racionalidade neoliberal, os modos de ser e agir humanos, bem como as noções de comunicação e sociabilidade, são alterados de modo a dobrarem-se conforme os princípios dessa doutrina.

Segundo Dardot e Laval,

O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo, o que está em jogo é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos. O neoliberalismo define certa norma de vida nas sociedades ocidentais e, para além dela, em todas as sociedades que as seguem no caminho da “modernidade”. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 14)

Nesse sentido, este trabalho fundamenta-se em torno das práticas e exigências neoliberais contemporâneas para com os processos de comunicação e sociabilidade mediados pela tecnologia. Frente a novas possibilidades interativas e constantes atualizações, a relação do digital com a essência individual perpassa diversas modificações diariamente, sobre a ideia basilar de adaptação humana. Em consequência, faz-se necessário entender os efeitos colaterais do neoliberalismo sobre os processos interativos atuais, além da repercussão dessa ideologia no desenvolvimento de ferramentas e dispositivos tecnológicos.

Mais, não somente a tecnologia em sua generalidade entra, aqui, como objeto central de estudo nesta monografia, mas, especificamente, a dataficação<sup>1</sup> e algoritmização das coisas, consequências do alto desenvolvimento tecnológico. Essas duas termologias, por sua vez, referem-se a ideia de que as ações humanas no ambiente digital transformam-se em dados passíveis de análise. Tudo é informação a ser coletada, armazenada, processada e analisada. Nada mais escapa esse aspecto de conectividade 24/7<sup>2</sup> da tecnologia. Logo, quais são os encadeamentos de viver na era dos algoritmos e dos dados na sociedade do neoliberalismo?

---

<sup>1</sup> Prática contemporânea de transformar as informações e aspectos individuais em dados a serem posteriormente processado e/ou utilizados por aparatos tecnológicos.

<sup>2</sup> Termo utilizado para se referir a atividades que perduram 24 horas durante 7 dias da semana.

À vista disso, a partir de uma leitura crítica da racionalidade neoliberal e de seus efeitos colaterais na contemporaneidade, este projeto visa investigar quais as possíveis implicações da governamentalidade algorítmica<sup>3</sup> nas transformações das sociabilidades contemporâneas em meio às tecnologias de informação e comunicação — TICs. O foco deste trabalho são as tecnologias digitais, em especial aquelas cujo objetivo principal é a comunicação entre indivíduos e a manutenção da sociabilidade, e o endereçamento contemporâneo dessa nova prática interativa entre homem-tecnologia. Entram nesse recorte, portanto, mídias sociais como o Tinder, além de produções audiovisuais, como *Black Mirror*, *Her*, e *Years and Years*, que trazem em suas histórias hipóteses da simbiose entre indivíduo e máquina.

Dentre os objetivos específicos do projeto podem-se citar:

- 1) Analisar as preposições neoliberais contemporâneas.
- 2) Reconhecer os desdobramentos tecnológicos e digitais atuais.
- 3) Entender como funciona o processo de dataficação e algoritmização.
- 4) Analisar de que forma o indivíduo porta-se frente à tecnologia.
- 5) Aprender os modos de resistência digital e hipotetizar acerca do futuro humano.

A partir da leitura de livros, artigos, matérias, nas áreas da tecnologia, sociologia e comunicação, assim como de uma análise de produções audiovisuais, como séries e filmes, este trabalho traz uma perspectiva crítica sobre as tecnologias e as subjetividades contemporâneas.

Assim, com um entendimento sobre contextualização e apresentação de novos contextos, esta monografia traz análises sobre a ideologia neoliberal, a globalização, o capitalismo de vigilância, a uberização da vida e os algoritmos, assim como possíveis formas de resistência à digitalização humana e hipóteses acerca do futuro — dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, são utilizadas referências de obras que trabalham com a questão do neoliberalismo e globalização. Como ele é a parte que abre o projeto, optou-se por seguir um caminho mais introdutório onde conceitos, contextos e relações entre ideologias e concepções são apresentados e, posteriormente, melhor trabalhados ao longo da monografia. Autores como Milton Santos, Pierre Dardot, Christian Laval e Shoshana Zuboff são

---

<sup>3</sup> Neste trabalho entende-se governamentalidade algorítmica como derivada do conceito de governamentalidade desenvolvido por Michel Foucault. Segundo ele, define-se como a arte de governar, com todos os conjuntos e técnicas que transformam o sujeito de mero indivíduo a sujeito-cidadão governável por práticas político-socioeconômicas e de controle. Aqui, o governo dos sujeitos é referenciado juntamente a digitalização e dataficação do mundo, sendo, portanto, uma governamentalidade com bases em fundamentação algorítmica.

trabalhados nessa parte, buscando a apresentação dos conceitos de globalização, neoliberalismo e capitalismo de vigilância, respectivamente. Dividido em dois subtópicos, o capítulo um visa à exposição das proposições neoliberais na organização social — em que é discorrida a relação entre a ideologia neoliberal e as novas práticas sociais — e à descrição dos desdobramentos tecnológicos e digitais na contemporaneidade.

O segundo capítulo, também dividido em dois subtópicos, apresenta novas formas de sociabilidade diante do contexto tecnológico contemporâneo, suas implicações na atualidade — como a automatização de rotinas, o fim do acaso e a crise individual — e mídias sociais e aplicativos como sintomas da racionalidade neoliberal. Para trabalhar essas ideias, foram analisados autores como Fernanda Bruno, Byung Chul-Han e Edson Teles que abordam, respectivamente, governamentalidade algorítmica e fundamentações de controle, dependência e vícios digitais e algoritmos e subjetividades. No mais, também são apresentados no capítulo dados coletados de pesquisas acerca do funcionamento de aplicativos e mídias sociais que possuem como cerne o processamento de dados e a algoritmização da informação de seus usuários.

Por último, no terceiro capítulo, são trabalhadas resistências e devires digitais. Disposto, novamente, em dois subtópicos, o primeiro aborda as questões de resistência digital, apresentando o conceito de tecno e ciberativistas e tecnopolítica; o segundo, o futuro das interações humanas, a partir da exploração de produções audiovisuais sobre a temática. Mais uma vez é trazida Fernanda Bruno como um dos autores trabalhados, além de Henrique Parra e James Bridle.

Entende-se que os objetos de estudo trabalhados neste projeto são pauta de trabalhos recentes no campo da comunicação, como é possível verificar a partir da data de publicação das obras abordadas aqui. No entanto, a realização desta monografia justifica-se justamente por sua atualidade. Como a temática estuda como a sociedade contemporânea comporta-se frente a algoritmização de suas condutas, sendo assim, dependente da própria tecnologia, o trabalho faz-se necessário devido ao intrínseco caráter de autorregulação e acelerada atualização das funcionalidades tecnológicas. Estudar contemporaneidade, nesse sentido, é estar preparado às aceleradas transfigurações e saber adaptar-se aos diferentes determinismos consequentes dessas transformações. Assim, como compreender o contemporâneo, quase um sinônimo de mudança, sem contínuos estudos e esforços que o acompanham?

Além disso, esse campo da tecnologia e da sociabilidade apresentam suma importância não só para os entendimentos individuais e coletivos da atualidade, mas para o próprio autor da monografia que estuda sobre neoliberalismo, subjetividades e tecnologias

desde o início de sua graduação, com parte em projetos de Iniciação Científica e pesquisas na área.

Acerca disso, apresentar-se-á a seguir as fundamentações teóricas basilares para a realização deste projeto de monografia, para, enfim, iniciar as análises e críticas sobre as relações entre a tecnologia e os preceitos de sociabilidade.

## **2. Neoliberalismo, tecnologias digitais e governamentalidade algorítmica**

Submersa em tecnologia, a sociedade atual propõe diferentes ferramentas interativas a partir do desejo de ser contemporânea, automatizada, e simples. A sensação de evolução e soberania advindas do desenvolvimento digital representam a incessante necessidade por novas tecnologias e idealizações nesse mundo tecnológico. A criação e programação de novas ferramentas digitais são resultados de uma construção social que enraizou a tecnologia em suas bases. Essa organização social não é mais fruto de um todo, mas sim da união dos sistemas de fluxos e relações que emergem, as quais ultrapassam e ignoram as antigas barreiras relacionais (COULDRY, 2012).

Não somente isso, mas frente a uma organização social neoliberal, onde a busca por informação é incontrolável e incessante; o ritmo de produção é acelerado, e a necessidade de produtividade é força motriz individual (CRARY, 2014), entra-se em um período em que a tecnologia toma parte dos cotidianos como ferramenta essencial para a continuidade do dia a dia. O aperfeiçoamento das funcionalidades tecnológicas, juntamente à sede de conhecimento da contemporaneidade, definem uma interação perfeita, na qual ambos os lados beneficiam-se ciclicamente, de tal forma que o sujeito aprende com as novas tecnologias e, conseqüentemente, torna-se capaz de aprimorar as já existentes.

No entanto, essa arrumação neoliberal possui efeitos colaterais sobre a sociedade, em sentidos de produtividade, informação e estrutura, em que os fundamentos políticos, sociais e morais atuais representam perturbações às preposições desse sistema de organização (DARDOT; LAVAL, 2016). Como efeito, para ser mantida sua influência sobre indivíduos e grupos, o sistema neoliberal propõe novos modelos de organização social com foco nos desdobramentos tecnológicos contemporâneos como solução para o alcance de melhores resultados.

## 2.1. Proposições neoliberais na organização social

A partir de crises nos sistemas liberalistas, o neoliberalismo surge como uma política ideológica-social cujo objetivo é garantir aos indivíduos e às instituições adaptação a um modelo de organização social de concorrência generalizada. Segundo Dardot e Laval, “ele [neoliberalismo] se define melhor como certo tipo de intervencionismo destinado a moldar politicamente relações econômicas e sociais regidas pela concorrência.” (Ibid., 2016, p. 62). Essa concorrência, por sua vez, desencadeia-se a partir do utilitarismo evolucionista e biológico — meritocracia —, onde o indivíduo consegue alcançar prosperidade a partir das próprias capacidades, sem ajuda de outrem. Nesse sentido, a seleção toma as bases da sociedade, deixando de lado processos de especialização, e a competição e a concorrência nas relações sociais naturalizam-se.

Diante dos novos processos tecnológicos e da aceleração da quantidade de informação captada, analisada e transmitida, o neoliberalismo avança por toda parte, assimilando-se aos processos de globalização — a partir da revolução informacional proporcionada pela tecnologia — e estabelece-se como uma doutrina não apenas econômica, mas social, que visa ao desempenho individual e ao alcance de resultados acima de quaisquer outras características humanas.

Abraçado pela globalização, o neoliberalismo sugere novos modelos de organização social em que o bem individual deixa de ser o objetivo final e o sujeito torna-se mero instrumento para o alcance de resultados, que, usualmente, caracterizam-se por desejar prosperidade econômica e produtiva. Logo, implementa-se uma lógica exploratória humana como efeito colateral dos desejos neoliberais produtivos, onde o indivíduo, como chave para o progresso — econômico e desenvolvimentista —, torna-se objeto explorado por si próprio e por terceiros, sobre uma racionalidade competitiva e autodestrutiva, em que o sub-desempenho e a falha não tem espaço nem abertura para perpetuarem-se.

“Depois da exploração do homem pelo homem em nome do capital, o neoliberalismo e seu braço operacional, que é a globalização, criaram, mantêm e ampliam, em nome da sacralidade do mercado, a exclusão de grande parte do gênero humano.” (PIRES; REIS, 1999, p. 6). Nesse raciocínio de autodestruição performática, cabe ao indivíduo desenvolver novos processos produtivos, de modo a estender sua vida útil a medida em que aumenta seu desempenho e produtividade. Dessa forma, a tecnologia e a automação tornam-se características inerentes às questões de produtividade, e se instauram como “elementos reestruturadores das relações de trabalho.” (Ibid., 1999, p. 6). Portanto, os processos

globalizantes avaliam-se e se estendem, de modo a encontrar tal ideologia neoliberal, e se remodulam diante do desenvolvimento tecnológico contemporâneo.

Frente a essa união neoliberal globalizante, onde a tecnologia faz parte do menu principal a ser degustado e usufruído por todos e quaisquer indivíduos, é necessário entender sobre o fenômeno de globalização e como ele afetou e afeta a arrumação global. Nesse sentido, analisar-se-á as teorizações de Milton Santos<sup>4</sup> sobre os desdobramentos e efeitos colaterais de um mundo globalizado, juntamente às proposições neoliberais e a revolução tecnológica que se sucede.

Ao longo de suas obras, Santos teorizou acerca da globalização econômica, cultural e solidária, construindo e destruindo conceitos a partir do diálogo com outras obras e pensadores. Quando ele aponta que a naturalização da utilização de recursos tecnológicos aproxima a distância e distancia a proximidade (SANTOS, M., 2000), o professor refere-se à tecnologia como facilitadora de processos interativos, nos quais indivíduos a quilômetros de distância podem conectar-se e conversar uns com os outros a partir de uma simples ligação telefônica ou uma troca de e-mails. Mais, quando realizada essa proposição, não se especulava ainda sobre os desdobramentos tecnológicos atuais, ou seja, as hipóteses concordavam com os entendimentos e as visões da época sobre tecnologia, sem se referir a ferramentas tecnológicas da atualidade, que, por sua vez, destrincham ainda mais as questões de relacionamento e afetividades em um mundo globalizado. Dessa forma, o surgimento e desenvolvimento de uma série de dispositivo e ferramentas tecnológicas com função de comunicação corroboraram para os dizeres de Santos ao realizar sua proposição.

Quanto a segunda parte de sua afirmação, a globalização é posta como distanciadora de proximidades, pois se hiperfoca e se submerge nos processos tecnológicos que se esquece dos acontecimentos a sua volta. Criando, logo, um ambiente vicioso de necessidade de conectividade e de contato com o novo, onde o desejo de estar ligado às infinitas conexões é efeito colateral da velocidade com que novas tecnologias desenvolvem-se (VOGT, 2011). É a modificação das concepções de afeto e subjetividade a partir de uma racionalidade tecnológica onde o espaço cibernético torna-se o epicentro das conexões humanas (LÉVY, 2008).

Isto posto, a globalização pode ser definida como um processo que modifica as questões de espaço e tempo sobre uma perspectiva de inovação tecnológica para com as

---

<sup>4</sup> Professor e geógrafo conhecido por analisar e teorizar acerca dos efeitos da globalização na contemporaneidade. Sua obra mais conhecida — que será mais trabalhada neste artigo — intitula-se “Por Uma Outra Globalização”, e propõe reflexões e possibilidades sobre o futuro da civilização humana.

necessidades e desejos da sociedade. Conforme abordado por Guedes, Silva e Santos P., e aos quais servirão de referência para a conceituação de relacionamento utilizada neste trabalho, “o conceito de relacionamento é desenhado em torno da mutualidade de interesses e de impactos entre os envolvidos no processo relacional.” (GUEDES; SILVA; SANTOS P., 2014, p. 1). À frente disso, projeta-se uma ligação entre globalização, tecnologias e relacionamentos, a partir de alterações nos sentidos de tempo e espaço, consequentes dos desenvolvimentos tecnológicos atuais.

Para Milton Santos, a noção de espacialidade constrói-se a partir da interação do indivíduo com o meio, sem existir, portanto, uma noção de espaço definitiva, mas uma ideia do que seria um. Dependeria, então, o espaço de outra particularidade: o conjunto de possibilidades e oportunidades oferecidas nesses lugares para a formação gradual e integral de uma sociedade (SANTOS, M., 2000). Nesse sentido, é possível enxergar a tecnologia como um espaço de construção, não apenas para sociedades, porém, para construções afetivas e subjetivas, também.

Ressignificada a utilização da tecnologia para as idealizações de afeto, ao ir ao encontro da natureza humana, que, segundo Spinoza, é uma natureza afetiva, impossível de ser desvinculada do indivíduo (SPINOZA, 2010), adaptou-se, então, à nova disposição social, dependente da tecnologia para se permanecer acessível, alcançável e social. Criaram-se modelos e sistemas de comunicação e relacionamento, onde a tecnologia e a era digital influenciam como são constituídas as relações (RECUERO, 2009), e se desenvolveram vínculos quase íntimos com as ferramentas tecnológicas. Uma relação de comensalismo<sup>5</sup> na interação homem-tecnologia, onde os dizeres e saberes tecnológicos não andam mais em paralelo com a humanidade, mas se entrelaçam na superfície da sociedade e constroem seu caminho às camadas mais profundas, fomentando uma união de certa forma basilar ao futuro desse relacionamento de duas partes.

Adentra-se, assim, um período de revoluções tecnológicas aceleradas e incessantes, que afetam a velocidade do fenômeno de globalização, guiadas pela tirania do dinheiro e da informação. Uma organização fruto de políticas neoliberais que visam à produção, ao desempenho, e ao lucro desenfreadamente. Sobre esse modelo de arrumação social, o dinheiro e a informação nada mais são do que ferramentas utilizadas por empresas e indivíduos em posição de poder para controlar massas e manipular as atividades sociais, individuais e coletivas ao seu favor. É nesse sentido, logo, que Milton Santos traz críticas aos processos

---

<sup>5</sup> Forma de interação entre duas partes onde uma é beneficiada, enquanto a outra possui um papel de neutralidade.

informativos da atualidade, nos quais os métodos comunicativos são concentrados em seletas companhias.

Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle (SANTOS, M., 2000, p. 29).

Sendo assim, envoltos por tecnologias e adentrando a era digital, caberia ao sujeito entender e compreender tudo. No entanto, a mediação informacional por grupos específicos delimita o modo como os indivíduos percebem o mundo, em que novidades não são transmitidas fielmente, mas sim reescritas conforme interesse. Em condição onde a transmissão de informação é imperiosa para a continuidade da sociedade, os dados que chegam à população são dados já peneirados, selecionados e modificados. São compartilhados não mais como conteúdos puros, porém como proposições manipuladas em favor dos que estão no poder, apresentando-se, por conseguinte, como ideologia (Ibid., 2000).

Nessa ideologia informativa, o discurso entra como fundamental às ações humanas, em um modelo que é necessário saber e conhecer para depois agir. Óptica essa que compõe o “novo encantamento” do mundo — a velocidade e a quantidade de informações captadas e produzidas estabelecem-se em duas faces: informativa e de convencimento (Ibidem., 2000). A primeira reconhecida por práticas jornalísticas; e a segunda, publicitárias. A publicidade, então, adquire novo valor social de forma que se torna, portanto, peça chave para a disseminação e manutenção de ideologias através de campanhas com viés de informação.

Em consequência, o alto consumo inevitável de informação da atualidade cai nas garras da publicidade. As informações são disseminadas majoritariamente com função de convencimento, são manipuladas para induzir indivíduos à sede de consumo e conexão, estimulando, assim, práticas neoliberais sobre hábitos humanos, e transformando a sociedade em uma sociedade de desempenho, focada em conexão e performance 24/7 (HAN, 2010).

Nessa sociedade governada por práticas informativas neoliberais, entende-se a construção de um novo modelo social onde a tecnologia e a era digital tornam-se basilares para sua funcionalidade. Indivíduos desenvolvem vínculos de dependência para com a tecnologia, em que a desconexão e o “estar off-line” representam uma disrupção processual do modelo neoliberal, e originam, assim, o que é chamado de *FoMO* — *Fear of Missing Out*<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Termo em inglês utilizado para se referir ao medo de ficar de fora e/ou perder os acontecimentos e inovações tecnológicas.

Bastante utilizado a partir de 2010, o termo *FoMO* consiste no fenômeno em que o indivíduo sente-se isolado, distante e desconectado do mundo digital. Esse sentimento é, normalmente, efeito colateral de um comportamento obsessivo e compulsivo do usuário de se manter conectado a todo momento (GUPTA; SHARMA, 2021), desenvolvendo vínculos reais de dependência com a tecnologia. A partir disso, a falta de sociabilidade e a sensação de exclusão do ambiente virtual-digital trazem efeitos colaterais cognitivos à quem sofre com tal fenômeno.

*FoMO* foi relacionado não somente à falta de atenção, mas à queda geral de produtividade e piores condições de saúde mental. Os estudos mais recentes estabelecem associações [do fenômeno] com distúrbios do sono, ansiedade social, depressão clínica e desempenho acadêmico insatisfatório. (GUPTA; SHARMA, 2021, p. 5).<sup>7</sup>

Esse emblemático termo, que ganhou espaço nas discussões mais recentes sobre tecnologia, mídias sociais e dependência — surgindo como efeito colateral das preposições neoliberal sobre a sociedade, juntamente ao acelerado desenvolvimento tecnológico —, aumenta o tempo de tela dos indivíduos e se firma como um processo, talvez inevitável, da contemporaneidade. Evidencia, portanto, uma intrinsicabilidade para com a era digital, com o aparecimento de um vínculo de codependência com as emergentes tecnologias. Relação essa quase simbiótica entre homem-tecnologia, em que o primeiro, crescido imerso em funcionalidades digitais e tecnologias, vê-se dependente da segunda. Uma associação que destrincha hábitos humanos e brinca com questões inerentes ao indivíduo, como necessidade de pertencimento e as naturezas relacional e afetiva.

Não por acaso que se percebe um aumento na utilização de plataformas e mídias digitais, visto que essas ferramentas possibilitam aos indivíduos o desenvolvimento e manutenção de suas próprias relações. Assim, estabelece-se uma era onde a tecnologia é força motriz das relações humanas, e as mídias sociais tornam-se canais de conectividade e interação necessários para a continuidade das relações interpessoais contemporâneas.

## **2.2. Desdobramentos tecnológicos e digitais da contemporaneidade**

Frente às novas diretrizes relacionais atuais, pode-se evidenciar a presença quase constante das mídias sociais, com funcionalidades de entretenimento, lazer e/ou trabalho. A tecnologia tem papel importante como ferramenta comunicativa e de linguagem, fortalecendo a ideia de que sua utilização é imperiosa para se entender o que é preciso, quisto e necessário

---

<sup>7</sup> Citação, do inglês, em tradução livre.

para cada usuário (OLIVEIRA; ALMEIDA; TROTTA, 2020). Essas ferramentas, ainda, são utilizadas como canais para trocas afetivas e para a manutenção dos aspectos relacionais humanos, direta ou indiretamente. Nesse sentido, há tanto a possibilidade de aumento das redes de relacionamento por meio desses dispositivos, quanto transformações de espaço e temporalidade onde tais relações e interações ocorrem (GUEDES; SILVA; SANTOS, P., 2014).

Sobre as transformações de espaço e tempo a partir das ferramentas digitais, lembra-se, ainda, das mudanças interativas apresentadas por um novo sistema mercadológico de consumir informação e conteúdo, onde os comportamentos humanos tornam-se mercadorias e dados a serem analisados com a máxima de melhoramento da experiência do usuário. Consequentemente, as mídias sociais, como ferramentas tecnológicas, perdem sua característica de espontaneidade, transformam-se em plataformas de transmissão de informação pessoal — sobre hábitos, desejos, gostos e desgostos — e se estabelecem na sociedade como uma versão idealizada das ações humanas. Um espaço digital controlado viciosamente pela idealização da vida perfeita, onde as características relacionais humanas não são mais imprevisíveis, mas sim ditadas e pré-ditadas por algoritmos, que interpretam cada uma das ações dos usuários nos meios digitais e fortificam a projeção de conteúdos específicos para cada conta e pessoa por trás das telas. Destruindo, assim, o acaso e a imprevisibilidade — pois existe um menor risco de não aderência aos conteúdos e informações expostas — e criando um sistema onde rejeitar o rastreamento e exposição de dados é estar por fora das últimas novidades.

Nessa organização, onde o digital e as ferramentas tecnológicas geram vínculos de dependência com seus usuários, os cotidianos individuais e coletivos passam por remodulações e passam a volver ao redor de tais instrumentos. As ações humanas sofrem processos de microinfluência por razões da tecnologia (BRUNO, 2021) e os indivíduos projetam suas próximas atividades e interações como consequência do influxo tecnológico sobre seu dia a dia.

As questões de prosperidade produtiva e hiper-desempenho colocam-se ao serviço do fluxo informacional da contemporaneidade, em que o capitalismo, agora, torna-se auxiliar aos novos modelos de comunicação e controle (TIQQUN, 2015). A hiper-fixação contemporânea difere-se, então, daquela apresentada na modernidade — a super valorização do capital dá lugar à super valorização do digital; o estar conectado, submerso ao constate fluxo de informações, é mais valioso do que a lógica capitalista moderna do dinheiro a qualquer custo.

A ficção do dinheiro está dando lugar à ficção do digital, o dígito é o novo dólar. O dinheiro foi por muito tempo — e em larga medida ainda é — a mais bem-sucedida ficção já inventada, pois é a única narrativa em que todos acreditam, ou da qual são compelidos a participar. O dinheiro foi o elo simbólico que sustentou a normatividade das equivalências nas relações humano-ocidentais. A ficção-dinheiro está ligada ao mundo homológico das substituições e semelhanças entre indivíduos, entre termos individuais já constituídos ou produzidos. [...] O dinheiro é o que permitia as equivalências entre sistemas de representação e a circulação de indivíduos em outras individualidades. A ficção do dinheiro foi a ideal para sustentar as dicotomias e ambiguidades único-intercambiável, dentro-fora, natureza-cultura, palavra-coisa, exterior-interior, real-virtual, social-individual. Com a progressiva e paulatina morte do indivíduo, a ficção do dinheiro ficará cada vez mais insustentável, pois já não haverá termos para colocar em circulação, fluidizar, dissolver momentaneamente; haverá apenas informações que são conjuntos de relações de relações, controladas por algoritmos. [...] A dinâmica do valor passou da lógica dos indivíduos para a lógica dos processos, das operações informacionais. (VILALTA, 2020, p. 1)

Essa hipótese é justamente a levantada na definição de “cibernética”: é a mudança no objeto central em que revolvem os interesses humanos; é a substituição da mercadoria e da mercadização da vida individual para controle pelos acessos informacionais e fluxos comunicativos (TIQQUN, 2015). Há, então, uma nova projeção de organização social, onde se considera que todos os seres têm em sua cerne o armazenamento e tratamento de informações, sendo, portanto, passíveis de controle, desde que sejam apresentados aos mecanismos corretos. A cibernética, assim, trabalha com os processos informativos como universais e uniformizadores, abrindo espaço para a organização social pautada sobre a lógica da governamentalidade algorítmica de previsão e controle, em que algoritmos governam e determinam as ações humanas por meio do controle de dados (VILALTA, 2020). “[...] E os dados são hoje, no capitalismo de plataformas, o que há de mais valioso, pois é partir deles — muito mais até do que pelo dinheiro — que se tecem as dinâmicas de equivalências e valorização do capital.” (Ibid., 2020, p. 1)

Por conseguinte, com aspecto de controle e padronização de atividades a partir de proposições acionais comandadas por algoritmos, avalia-se que, não somente ações e reações são influenciadas e controladas, mas também as formas de relacionamento. A partir de informações recolhidas e processadas por meio do *Big Data*<sup>8</sup>, a construção do imaginário de liberdade digital é desmantelada, não por razões de violação de privacidade, mas pelos próprios usuários que consentem o processamento de suas informações ao aceitarem todas as sugestões que lhes são providas pelos aparatos tecnológicos que utilizam. Dessa forma,

---

<sup>8</sup> *Big Data*, ou mega-dados, é um termo utilizado para se referir ao tratamento, análise e processamento de abundante informações extraídas de determinadas fontes.

adentra-se um período onde as afetividades humanas são observadas, analisadas e previstas por ferramentas digitais.

Esse novo momento na esfera social, em que tudo que se sabe e se conhece, assim como tudo que se pensa, age e realiza, é controlado e vigiado 24/7 sobre uma métrica mercadológica produtiva incessante (CRARY, 2014), é definido pela professora e psicóloga social Shoshana Zuboff como a era do capitalismo de vigilância. Outra forma de capitalismo que conhece, entende e molda o comportamento humano em função de terceiros. É uma arrumação social específica que consome todos os aspectos das experiências humanas (ZUBOFF, 2018).

Compreende-se, portanto, a contemporaneidade com suas novas tecnologias e aparatos digitais como um período de predição, em que “processos de máquina automatizados não só conhecem nosso comportamento, como também moldam nosso comportamento em escala.” (ZUBOFF, 2018, p. 20). A antecipação de hábitos e formas de conduta por meio das tecnologias moldam situações nas quais os usuários recebem do bom e do melhor em todos os campos de utilização dos meios digitais. A construção do que é melhor para cada indivíduo, traz consigo a máxima da necessidade de utilização da tecnologia para se entender os desejos, querereres e necessidades do sujeito contemporâneo (OLIVEIRA; ALMEIDA; TROTTA, 2020).

No entanto, a organização algorítmica de predição que invade as redes dos usuários, seus dia a dia e, conseqüentemente, suas vidas, age discreta e silenciosamente. Prevê comportamentos a partir do processamento dos dados de quem “não tem nada a esconder” e os obriga a fazer escolhas, pequenas, porém necessárias para que o indivíduo mantenha-se em rede, conectado. A programação de uma ferramenta que manipula, imperceptivelmente, os usuários de tecnologias a escolherem sempre a conexão em detrimento da desconexão.

O capitalismo de vigilância age por meio de assimetrias nunca antes vistas referentes ao conhecimento e ao poder que dele resulta. Ele sabe tudo sobre nós, ao passo que suas operações são programadas para não serem conhecidas por nós. Elas acumulam vastos domínios de um conhecimento novo proveniente de nós, mas que não é para nós. Elas predizem nosso futuro a fim de gerar ganhos para os outros, não para nós. (ZUBOFF, 2018, p. 23).

Assim, fomenta-se a necessidade de conexão a todo tempo. É a tecnologia chamando o ser humano, assim como uma mãe chama por seu filhote na natureza — ambos clamando por seus filhos para renovar os laços relacionais. E a resposta é a mesma: uma correspondência quase instantânea ao chamado. Uma forma de conexão homem-tecnologia construída a partir

do primeiro instante em que o indivíduo adentra o espaço digital, criando seu perfil, montando seus hábitos, desenvolvendo sua rotina. É nesse momento, por conseguinte, que ele se torna mais uma vítima do capitalismo de vigilância. Suas ações, logo que inseridas, são processadas, compreendidas e armazenadas para “criar a melhor experiência possível ao usuário”. Sem haver tempo de respiro, esse novo espaço de sociabilidade torna-se um ambiente de dependência, onde o *FoMO* toma conta dos cotidianos e repercute nos sentimentos e afetividades individuais e coletivos.

### **3. As novas formas de sociabilidade**

A racionalidade neoliberal entende todos os processos humanos, individuais e coletivos, como passíveis de serem organizados, controlados. É uma lógica onde quaisquer funcionalidades e sistemas são vistos como capitais a serem geridos, na busca por melhores desempenhos, prosperidade econômico-financeira, melhor qualidade de vida, etc. Ideologia essa que, não somente transforma e modifica formas de ser e estar no mundo, mas também destrincha funcionalidades humanas frente a processos, na contemporaneidade, automatizados e preditivos com base em tendências tecnológicas e digitais.

Nessa organização, a racionalidade algorítmica conquista espaço em contextos de automatização e predição, onde a tomada de decisão em contextos de incerteza é aprimorada a partir do desenho de novas possibilidades pelos algoritmos (BRUNO, 2019). Assim, alinha-se, agora, ao raciocínio neoliberal, a governamentalidade algorítmica — um poderio que tem como cerne a informação e informatização das coisas; em que cada indivíduo possui seus meios e processos comunicacionais que estão à disposição de fundamentos tecnológicos de controle.

#### **3.1. Uberização da vida — o fim do acaso e a crise individual**

Com uma sociedade em necessidade de atualizações e novidades, característica essa da mercadologia contemporânea, a algoritmização processual enraíza-se nas bases sociais e se perpetua, aliada a cibernética, como epicentro não só das conexões humanas, mas também das ações individuais e coletivas tomadas na sociedade. Mais, essa nova arrumação não se instaura sozinha; vem com um discurso construído de promessas que agradam o pensamento neoliberal.

São notáveis alguns elementos, recorrentes em parte dos discursos [...] que defendem a adoção massiva de procedimentos algoritmos [...] a promessa de

maior velocidade, de maior precisão e/ou eficácia, e de maior objetividade e neutralidade tanto nos mecanismos de entendimento/conhecimento, quanto nos processos de tomada de decisão.<sup>9</sup>

Os procedimentos algorítmicos, por sua vez, descentralizam os indivíduos e centralizam os processos. As subjetividades individuais não são tão mais importantes quanto as experiências e entendimentos coletivos. A identificação do indivíduo não é mais necessária para a predição de acontecimentos e rodagem de algoritmos; a criação de novos fluxos informativos implica em mais informação compartilhada que, por conseguinte, implica em mais vias de controle (TELES, 2018).

Sobre essa subsequência cíclica de processos de controle e ações humanas, entra-se em um período onde as interações mercadológicas não são ocasionais. O controle dá-se a partir do compartilhamento de informações e não da subjetividade. As ações são predefinidas e premeditadas pelos tais algoritmos, calcificando indivíduos em suas áreas de conhecimento e atuação (Ibid., 2018). O indivíduo é melhor controlado a partir da sua comunicação — os dados são o mais valioso bem na era da governamentalidade algorítmica.

Com base na ideia de que governar é a ação de condução das ações dos outros e das coisas, estabeleceu-se uma dinâmica de cálculos baseados na observação dos fenômenos populacionais e dos fatos relacionados a estes eventos. De posse de uma série de dados e probabilidades regulares, podem-se fabricar políticas de otimização da capacidade de controle, objetivando produtividade e aumento do capital. Não são funções específicas dos indivíduos, nem apenas dos regimes de produção de subjetividades, mas saídas e entradas, *inputs* e *outputs*, nos processos geridos e governados pelas tecnologias. Não seria o fim do indivíduo, nem mesmo sua dessubjetivação. Porém, a anulação das subjetividades, congelando sujeitos em suas bolhas discursivas, ideológicas e identitárias. (Ibidem., 2018, p. 5)

Se, por sua vez, os dados perpetuam-se como característica crucial para as táticas de controle contemporâneas, então, esses mecanismos passam a ser implementados nos cotidianos, de modo a edificar e fortalecer tais ferramentas de controle. Instauração essa que é construída de maneira quase imperceptível com promessa de mais autonomia individual humana e maior alcance de resultados. As mudanças tecnológicas de um período digital, onde as constantes atualizações e novidades ganham força e interesse do público, acompanham o mesmo discurso observado em alguns aplicativos — como o caso do Tinder, afinal o aplicativo de relacionamento é fruto dos entendimentos humanos sobre a nova organização da sociedade contemporânea.

---

<sup>9</sup> Fernanda Bruno, 2019, em entrevista para a DigiLabour.

Na dialética comercial e publicitária, em que todas as interações mercadológicas são pensadas e desenvolvidas visando ao engajamento, à interação e à adesão daquilo que promovem, aceitam-se as proposições de um novo período de arrumação social, em que as funcionalidades tecnológicas são guia para a nova padronização da sociedade. Aparatos tecnológicos são pensados, criados e desenvolvidos para facilitar a vida humana, a partir de sistemas programados para armazenar e reter as informações dos usuários. Os algoritmos marcam presença em todos esses dispositivos e a internet das coisas torna-se realidade — uma via conectiva em que cada ferramenta tecnológica está ligada à *internet*, de modo a acessar outros canais informativos e possibilitar o rastreamento de atividades específicas, rotineiras, que, posteriormente, serão transformadas em dados, analisadas e utilizadas sobre o mesmo indivíduo como mecanismo de controle. Suas ações serão premeditadas e suas opções de escolha, sugeridas, conforme análises anteriores.

[...] a onipresente [internet das coisas], sempre ativada instrumentação, dataficação, conexão, comunicação e computação de todas as coisas, animadas e inanimadas, e de todos os processos — naturais, humanos, fisiológicos, químicos, maquinais, administrativos, veiculares, financeiros. A atividade no mundo real é compilada, de forma contínua, a partir de celulares, carros, ruas, lares, lojas, corpos, árvores, edifícios, aeroportos e cidades e devolvida ao reino digital, onde encontra uma nova vida como dados prontos para serem transformados em previsões, tudo isso preenchendo as páginas em expansão do texto sombra. (ZUBOFF, 2018, p. 214)

Tocante ao tornar-se tecnológico da era digital, ferramentas de utilização cotidiana — relógios, geladeiras, painéis de carros — atualizam-se para funcionar em função da *internet*, permitindo a criação de um elo entre esses objetos onde, não só a onipresença toma parte, mas também a onisciência. As diversas telas conectam-se entre si, produzindo uma grande rede de dados coletados e armazenados que se autoatualizam e projetam micro-ações de influência sobre as ações humanas (BRUNO, 2021). O processamento desses dados produzidos e fornecidos cotidianamente a partir da utilização de tais ferramentas digitalizadas e computadorizadas deságua no reinado algorítmico atual. O capitalismo está ligado à extração de dados (Ibid., 2019), e juntos dão origem ao, já citado, capitalismo de vigilância. A governamentalidade algorítmica, portanto, é efeito colateral de uma sociedade que age sobre bases tecnológicas e digitais.

Relativo a esse cenário de controle e previsão dos comportamentos humanos, vê-se mudança na forma como os indivíduos percebem e interagem uns com os outros e com o mundo. Na lógica neoliberal de controle acional, misturada ao raciocínio preditivo dos

algoritmos, entra-se em uma época onde as ações humanas — agora registradas e controladas por dispositivos tecnológicos — perpassam por modificações silenciosas e constantes para se ajustar, ou serem ajustadas, às novidades contemporâneas. As escolhas não são mais totalmente livres, são fruto de uma gama de opções sugeridas aos indivíduos pelos algoritmos, com base nas análises comportamentais e dados compartilhados. A ideia moderna de que o sujeito tem liberdade para agir e tomar as decisões conforme queira, perde-se na contemporaneidade, a partir do momento em que os aparatos tecnológicos capacitam-se a prever comportamentos, hábitos e rotinas. “A autoexploração é mais eficiente do que a exploração por outro porque ela é acompanhada do sentimento de liberdade.” (HAN, 2018, p. 61). A liberdade contemporânea é, logo, uma liberdade falsa. É uma liberdade de achismo, na qual o indivíduo acredita ter controle, porém nada mais é que uma peça ativa em um grande tabuleiro de xadrez criado em vias digitais. Os que escapam, porém, desse contexto, inserem-se nele por conta própria — não há porque negar as formas de controle e sugestões de conteúdo se essas práticas fazem a sociedade funcionar.

A liberdade do achismo incide no sujeito, tal qual o Sol incide sobre à Terra: inevitável e diariamente. A falta de liberdade tornou-se rentável. O poder de escolha torna-se mercadoria predita, em que a quantidade de lucro, rendimento e satisfação individual e coletiva podem ser previstas por meio de ferramentas e técnicas de análise. A construção de uma cultura onde a predição é fundamento central e as demais coisas suas serventes. Essa lógica pode ser observada, ainda, no contexto do aplicativo de relacionamento citado anteriormente, o Tinder, no qual as escolhas individuais não são, de fato, escolhas. Como o próprio *site* do aplicativo expôs, o algoritmo da plataforma visa a maior quantidade de *likes* possível, e conseqüentemente, maior número de *matches*, criando, dessa forma, uma mídia social em que os usuários perdem seu poder de escolha a partir do momento em que perfis são sugeridos a eles com bases em suas ações anteriores. A tecnologia apresenta-se a favor do indivíduo e para o indivíduo, porém, exige dele serventia e fidelização.

Nesse jogo onde os papéis invertem-se — a tecnologia é a jogadora e o indivíduo, personagem —, fundamenta-se uma sociedade a mercê dos avanços tecnológicos e de uma cultura mercadológica de predação, em que as bases da estrutura social transformam-se em processos digitais. A sociedade, assim, não age mais independentemente, como antigamente, mas de maneira coletiva — com crença de ação individual — conforme é orientada pelas funcionalidades algorítmicas onipresentes e oniscientes.

Sobre essa diretriz acional proposta pela governamentalidade algorítmica, esbarra-se em uma sociedade de excessos e vícios, de modo que, para um funcionamento social habitual, é imperiosa a presença da tecnologia e das ferramentas digitais na construção de processos.

Por meio da acelerada difusão de informações e conteúdos a partir de veículos de mídia tecnológicos e digitais, resultados de uma sociedade globalizante que se atualiza conforme se atualizam as tendências e ferramentas a sua volta, atinge-se a forma de organização social, fruto da junção entre o neoliberalismo e a globalização — que caminham, agora, lado a lado —, de codependência tecnológica. Como dito anteriormente, o sujeito adentra um período em que o digital torna-se base dos cotidianos humanos; a tecnologia torna-se intrínseca ao indivíduo, de tal forma que ele precisa dela para funcionar e, conseqüentemente, ela, dele. A tecnologia conduz os processos humanos e os processos humanos conduzem a tecnologia (FEENBERG, 2009).

O pensar contemporâneo transforma-se em um pensar tecnológico em que todas e quaisquer ações e processos são considerados a partir de uma visão tecnológica-digital, onde a tecnologia converte-se em meio para o alcance de resultados e o bem comum. Diante de tal raciocínio, a sociedade configura-se em uma sociedade performática (EHRENBERG, 2010), graças às possibilidades e permissibilidades digitais, e entende o mundo como espaço de crescimento pessoal e profissional, sobre uma perspectiva não mais independente, mas dependente da tecnologia. Os excessos viram vícios; o vício, dependência. Não é possível mais imaginar o viver em sociedade afastado da tecnologia sem haver julgamentos ou críticas. A tecnologia é cerne da contemporaneidade e, por ideologias neoliberais de produção e desempenho, cerne do sujeito contemporâneo.

Dessa forma, compreende-se um mundo onde os dizeres e acontecimentos tecnológicos guiam e regulam as atividades humanas, a partir da coleta, armazenamento e processamento de dados coletados dos indivíduos. A *internet* das coisas é evidência de uma organização social modelada a partir de algoritmos, de modo que a rede conectiva das ferramentas digitais autorregula-se e se adapta às necessidades humanas, para, assim, exigir adaptação do ser humano as suas próprias necessidades. A informação como bem mais valioso da contemporaneidade firma-se, cada vez mais, nas bases sociais e reivindica dos indivíduos suas liberdades. “A rápida circulação de informações acelera também a circulação de capital.” (HAN, 2018, p. 51). As escolhas são sugeridas a partir da predição algorítmica e as próximas tendências, propostas. O indivíduo torna-se impaciente em sua busca incessante por informação (Ibid., 2018). O vício tecnológico toma conta das vidas e as rotinas moldam-se a partir de contextos tecnológicos e digitais.

A partir dessa moldagem de rotinas e ações, a tecnologia mostra sua soberania sobre o sujeito — mesmo que seja criação dele — e se define como centro das ações humanas. Perde-se então a individualidade, por meio de métricas e controle algorítmico e se condiciona um período de crise individual. As subjetividades são dissipadas nas mídias digitais e o indivíduo age em uníssono. As diferenças metamorfoseam-se em semelhanças e as singularidades padronizam-se. Não há mais qualquer atividade humana que não seja predita pelos algoritmos. O indivíduo trocou o controle de sua própria vida para ser controlado pela tecnologia. “Aqui não somos mais agentes ativos, não somos cidadãos, mas sim consumidores passivos.” (Ibidem., 2018, p. 58).

### **3.2. Mídias sociais e aplicativos como sintoma da racionalidade neoliberal**

Diante dessa organização social onde os indivíduos viram-se obrigados a comportar-se de maneira diferente da habitual — com necessidade de isolamento e distanciamento social, menos contato e interações físicas —, a sociedade atua de tal modo a depender, mais do que nunca, das ferramentas e aparatos tecnológicos que estavam a sua disposição. Uma nova arrumação em que a tecnologia abandona seu papel de auxiliadora e facilitadora de dinâmicas conjuntas e/ou independentes, e exerce papel de essencialidade e codependência nas funcionalidades humanas. Momento esse em que a cibernética torna-se o epicentro das conexões humanas (LÉVY, 2008), mediando formas de ser e estar e modificando concepções sistematizadas de relacionamentos e subjetividades.

Assim, como é impossível ao indivíduo ver-se livre de construções afetivas, visto que é de sua natureza (SPINOZA, 2010), as proposições relacionais passam por transformações na contemporaneidade, principalmente com a chegada de novas mídias sociais e se desenham ao redor das novas tecnologias e digitalidades — ação necessária para a manutenção dos relacionamentos humanos em períodos de adversidades e mudanças.

Como resultado da simbiose homem-tecnologia da atualidade, há um crescimento na quantidade de informações disponibilizadas, coletadas, armazenadas e processadas nos canais de comunicação e mídias sociais — prato cheio para desenvolvedores de algoritmos e funcionalidades de controle digital. Com a maior exposição da vida pessoal e coletiva nas redes, mais fácil torna-se otimizar ferramentas tecnológicas que “promovem melhores experiências aos usuários” e, assim, aprimorar os mecanismos de predição acionais.

Nesse sentido, surgem mídias sociais com propostas de melhorar a comunicação e sociabilidade entre indivíduos, estejam eles próximos ou distantes, como o Instagram, Facebook, Twitter. No mais, surgem, também, aplicativos que visam a ajudar os indivíduos a

encontrar segundos com quem possam desenvolver laços sociais e relacionais. Dentro dessa ideia, encontram-se os *apps*<sup>10</sup> de relacionamento, como o Tinder, Happn, Bumble, sendo o primeiro o mais famoso deles. A partir disso, ele será usado como recurso imagético para se entender o fenômeno de governamentalidade algorítmica e como ele dita e controla os mecanismos de sociabilidade humana.

Desenvolvido em 2012 nos Estados Unidos, o Tinder é um aplicativo de relacionamento cuja proposta é parear indivíduos que possuam os mesmos gostos e interesses e permitir que se conheçam melhor a partir de conversas por chat ou videochamada. Por meio de um sistema de reciprocidade, a aplicação apenas permite que usuários conversem entre si quando ambos demonstram interesse um no outro — a seleção de indivíduos acontece por meio de um simples deslizar de dedos, para esquerda, ou direita, em que o primeiro representa o “não gostar de um perfil”, e o segundo, “curtir um perfil”<sup>11</sup>. Durante o cadastro, os indivíduos preenchem seus perfis conforme as informações solicitadas, expondo seus interesses, preferências e características, como idade, orientação sexual, gostos e desgostos. Além disso, é permitido aos usuários colocar fotos para que os demais identifiquem quem é a pessoa por trás das telas. O aplicativo está disponível em 190 países e em mais de 40 idiomas. Segundo a própria empresa, o Tinder é o *app* não relacionado a jogo mais baixado do mundo (mais de 430 milhões de vezes) e gerou mais de 60 bilhões de *matches*<sup>12</sup>. A aplicação, ainda, articula cerca de 1,5 milhão de encontros por semana e é gratuita, apresentando funcionalidades exclusivas a partir de pacotes de assinatura<sup>13</sup>.

O Tinder, portanto, estabelece-se como a mídia social de relacionamento mais famosa do mundo atualmente e permite aos seus usuários diferentes formas de conexão e interação. Em consequência, devido à grandiosidade do *app*, ele está sujeito às mudanças e transformações tecnológicas contemporâneas, exigindo-se adaptação às novas tendências, necessidades e desejos dos indivíduos.

Da ideia e do conceito de que “é muito mais fácil começar uma conversa quando você sabe que o outro lado também está interessado”, o Tinder surgiu e cresceu rapidamente em todo o mundo, estabelecendo-se como o aplicativo de relacionamento mais conhecido e utilizado da atualidade. No entanto, ele não foi o primeiro. Durante os anos 90, com o surgimento dos computadores de uso pessoal e da *internet*, surgiu também, junto às

---

<sup>10</sup> Abreviação de “aplicativo”. Do inglês *application*.

<sup>11</sup> Poderão ser utilizados os termos *like* e *dislike* para se referir ao deslizar para direita e para a esquerda, respectivamente.

<sup>12</sup> Quando dois indivíduos apresentam interesse recíproco é chamado de *match*.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://br.tinderpressroom.com/about>

novidades, o Match.com — a primeira plataforma de relacionamentos on-line do mundo —, sendo sua proposta a mesma dos aplicativos da atualidade: parear pessoas de lugares diferentes. Sua popularidade foi tanta que, nos anos subsequentes, diversos outros *sites* surgiram com o mesmo propósito; até, finalmente, ter-se o Tinder no ano de 2012 — já com uma funcionalidade diferente: disponível tanto em *site*, quanto como aplicação móvel para celulares.

O aplicativo tornou-se tão popular que, desde o seu surgimento até hoje, diversos outros *apps* com o mesmo propósito e funcionalidade foram desenvolvidos. A adesão a tais aplicações cresceu ao longo dos anos, a partir da possibilidade de encontrar o “par perfeito” nessas novas mídias sociais. Segundo a plataforma Happn Brasil, em uma pesquisa realizada no ano de 2017, pelo menos 60% dos brasileiros utilizavam aplicativos de relacionamento e paquera. A popularização desses serviços de pareamento digital mudou as formas de se relacionar da sociedade e estabeleceu a tecnologia como mediadora dos relacionamentos humanos.

Com entendimento sobre as transformações propiciadas pela globalização e a revolução informacional, juntamente aos constantes processos de desenvolvimento tecnológico e digital da contemporaneidade, mudança nos comportamentos humanos já era esperada. As redes interativas interpessoais foram muito mais além de amigos ou vizinhos conhecidos. Tornaram-se maiores em todos os sentidos, exalando os benefícios de uma era de conectividade 24/7. Contudo, essas novas redes proporcionadas pela tecnologia não se intimizam nos relacionamentos humanos, originando conexões e vínculos com pessoas distantes, porém superficiais e rasos, sem qualquer traço de intimidade.

Essas conexões distantes, porém, possuem importante finalidade na criação e manutenção de laços interpessoais. “Essas ligações fracas funcionam como ponte entre nosso grupo de amigos íntimos e outros grupos mais distantes, permitindo-nos conectarmos a uma comunidade global de inúmeras formas.” (ORTEGA; HERGOVICH, 2017, p. 2)<sup>14</sup>. Além disso, a possibilidade de conhecer pessoas novas a partir de amigos em comum, festas, aulas, sempre esteve presente nas pesquisas sobre relacionamento, entretanto, com a popularização dos aplicativos de encontro on-line, o modo como os indivíduos têm se conectado mutuamente mudou (EMERGING TECHNOLOGY, 2017)<sup>15</sup>. “Hoje, para heterossexuais,

---

<sup>14</sup> Citação, do inglês, em tradução livre.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.technologyreview.com/2017/10/10/148701>

encontros on-line são a segunda forma mais comum de encontrar pessoas novas; e para homossexuais, de longe a mais popular.” (Ibid., 2017, p. 1)<sup>16</sup>.

Mais, a partir de um modelo de estudo e análise dos relacionamentos humanos para com as novas funcionalidades e possibilidades advindas dos aplicativos e *sites* de encontro on-line, os pesquisadores Ortega e Hergovich, em seu artigo denominado *The Strength of Absent Ties: Social Integration via Online Dating*<sup>17</sup>, hipotetizam uma conexão entre o aumento no número de casamentos inter-raciais atualmente e o aumento na duração dos casamentos, a tais serviços. “Hipótese 1: o número de casamentos inter-raciais aumentou depois da popularização dos encontros on-line. [...] Hipótese 2: Casamentos originados a partir de encontros on-line possuem uma taxa de divórcio menor.” (ORTEGA; HERGOVICH, 2017, p. 22-24)<sup>18</sup>.

Dessa forma, é possível entender não somente as razões pelas quais aplicativos de relacionamento tornaram-se tão populares nos últimos anos, mas também compreender que tais aplicações permitem ao seus usuários um contato com uma rede interativa totalmente nova, por meio de uma vasta rede conectiva propiciada pela era digital.

Ainda, se em um período pré-pandemia a utilização do aplicativo era alta; durante, aumentou consideravelmente. Segundo pesquisa relacionada pela própria plataforma, a quantidade de *matches* realizados durante esse período aumentou em 42% e as conversas tornaram-se 32% mais longas. Isso porque, nesse ínterim, os indivíduos buscaram desacelerar os relacionamentos, optando por conversas mais longas e mais atividades on-line juntos, antes de partir para encontros off-line<sup>19</sup>.

Conforme relata a BBC, também, “O Tinder [...] alcançou a marca de 3 bilhões de *swipes* (quando o usuário desliza a foto de um pretendente para a esquerda ou para a direita no intuito de curtir ou não) em um único dia, em março de 2020 — e bateu esse recorde mais de 100 vezes desde então.”<sup>20</sup> A partir dessa demanda, conseqüentemente, o Tinder passou por reformulações em sua plataforma, em que, agora, permite aos usuários conversas por videochamada, funcionalidade essa instaurada em 2020.

Com essa ferramenta, mais da metade dos usuários do *app* buscaram realizar chamadas de vídeo como forma de comunicação, em vez das casuais conversas nos chats, e

---

<sup>16</sup> Citação, do inglês, em tradução livre.

<sup>17</sup> “A força dos laços invisíveis: integração social em encontros on-line” em tradução livre.

<sup>18</sup> Citação, do inglês, em tradução livre.

<sup>19</sup> Informação concedida pelo diretor do Tinder e divulgada pela BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57575906>

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-57886015>

40% afirmaram que utilizarão o recurso daquele momento para frente — conforme relatado pelo próprio aplicativo.

De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos, com mais de 28 países, o Brasil é o país onde os indivíduos sentem-se mais solitários, apresentando índice de 50% dos respondentes, sendo a média global 42%. À vista disso, é relacionável o crescimento da utilização do Tinder como ferramenta interativa, não somente para relacionamentos amorosos, durante o período pandêmico. Conforme o diretor-executivo do Tinder, Elie Seidman, e consoante o relatado pela VEJA, “conversar com alguém, não importa onde esteja, ajuda os dois a se sentir um pouco menos sozinhos.”

Assim, com essa concepção de necessidade interativa e do entendimento de que o indivíduo precisa estar em contato com segundos e terceiros, diante de sua natureza social e afetiva, pode-se entender tais recursos comunicativos como efeitos colaterais da racionalidade neoliberal.

Além disso, como o Tinder é uma plataforma de relacionamento on-line — em forma de aplicativo e *site* —, por trás de sua funcionalidade, há um algoritmo responsável pela rotação do programa que mantém a aplicação em funcionamento. Essa caracterização está presente não apenas nesse, mas nos demais aplicativos e mídias sociais que dependem dos dados coletados dos indivíduos para a manutenção de suas previsões e ferramentas de controle. Por meio de um discurso certo preditivo, tais ferramentas constroem sua serventia sobre métodos anti-falhas, pautados na rotação de algoritmos melhoradores de experiência. No trecho a seguir, é possível observar a naturalidade com a qual o Tinder apresenta sua própria plataforma e como ela funciona:

Essa é para solteiros e solteiras, preste atenção: se você estiver procurando um relacionamento, quiser começar a sair para encontros ou deixar tudo numa vibe mais casual, você precisa estar no Tinder. Com mais de 55 bilhões de Matches, o Tinder é o lugar certo para conhecer seu próximo Match perfeito. Vamos mandar a real, o cenário de encontros está diferente hoje e a maioria das pessoas estão se conhecendo online. Com o Tinder, o app gratuito mais popular do mundo, você tem acesso a milhões de solteiros, na palma da sua mão, que estão loucos para paquerar e conhecer alguém como você. [...] O Tinder não é um site de relacionamento comum, é o app de relacionamento com mais diversidade, onde adultos com experiências diferentes são convidados a criar conexões, memórias e muito mais.<sup>21</sup>

Frente a esse discurso onde o “dar *match*” é colocado como garantido, o aplicativo de relacionamento molda sua imagem, não apenas sobre uma dialética publicitária engajante e

---

<sup>21</sup> Disponível em: [tinder.com/pt](https://tinder.com/pt)

comercial, mas também sobre um raciocínio de confiança no desenvolvimento e funcionalidade da sua própria plataforma e algoritmo.

Conforme exposto no *site* do próprio Tinder<sup>22</sup>, em julho de 2022 foi revelado o método por trás do algoritmo da plataforma e como ela predita e sugere possíveis *matches* a seus usuários. Segundo relatado, a aplicação recomenda perfis de acordo com:

- as atividades recentes do usuário: quanto mais um usuário permanece ativo na mídia social, mais serão sugeridos perfis com a mesma característica de tempo de uso;
- os perfis deslizados para a esquerda ou para a direita: aqui o *app* escaneia as fotos dos perfis e sugere outros com fotos semelhantes — ao ar livre, em festa, na mesma posição;
- os elementos do perfil: se o usuário determinou algum interesse mais específico, eles serão considerados na hora de sugerir possíveis *matches*;
- a localização: quanto mais próxima a pessoa está do usuário, maiores são as chances do perfil dela ser sugerido.

A partir disso, observa-se uma automatização nos processos de escolha individuais, nos quais a independência e a possibilidade real de seleção são pré-definidos por ferramentas tecnológicas, de modo a prevenir altos índices de rejeição e aumentar a adesão à plataforma. Dessa maneira, retoma-se a lógica capitalista contemporânea de que o acesso e o processamento de informações são mais valiosos hoje do que o próprio capital (VILALTA, 2020). A informação como nova moeda e a prosperidade empresarial encontra um lar na fusão da ideologia neoliberal com a globalização, em que os processos informativos são acelerados, contínuos e incessantes — um sistema carregado de possibilidades de controle e insumos para melhoramento de desempenhos.

Esse fenômeno — de controle e dissipação das subjetivações —, no que lhe concerne, é observável no Tinder, onde as escolhas dos usuários são guiadas pela própria plataforma. Na ideia de que os *likes* e *dislikes* são frutos das intenções pessoais de cada indivíduo, encontra-se, novamente, na liberdade do achismo — ao utilizar ativamente o aplicativo de relacionamento, os usuários contribuem para o melhoramento do algoritmo utilizado na plataforma, concomitantemente fornecem informações pessoais que servirão de base para a predição do *app*. O usuário, então, não seleciona quem ele gosta e não gosta, ele escolhe a partir da pré-seleção realizada pela plataforma por meio dos mecanismos de predição configurados no aplicativo.

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://br.tinderpressroom.com/powering-tinder-r-the-method-behind-our-matching>

O mesmo vale-se para outras mídias sociais. Ao desejar, por exemplo, comer cereal no café da manhã devido a uma publicação em uma determinada mídia social, o indivíduo retorna à escolha a partir de uma pré-seleção. Suas possibilidades foram selecionadas a ele; e, assim, ele escolheu. Da mesma forma que isso acontece com um, acontece com vários. Passa-se, portanto, a uma organização social controlada pela funcionalidade dos algoritmos nas mídias digitais, em que a crise individual e a dissipação da subjetividade acompanham os processos de dependência tecnológica. As ferramentas que antes facilitavam apenas o acesso e a divulgação de informação, agora, estabelecem-se como mecanismos de controle em uma sociedade capitalista vigilante.

A conexão digital facilita a aquisição de informação de tal como que a confiança, como práxis social, perde cada vez mais em significado. Ele dá lugar ao controle. Assim, a sociedade da transparência tem uma proximidade estrutural à sociedade de vigilância. (Ibidem., 2018, p. 60)

Nesse sentido, ainda, nota-se uma tendência nos indivíduos de se não satisfazerem com as ferramentas e aparatos tecnológicos muito mais rápido, o que exige das plataformas digitais constantes atualizações e implementações de novas funcionalidade para garantir que os usuários mantenham-se entretidos e engajados. Conseqüentemente, além do influxo constante de informações, há, também, uma procura incessante por novidades — a rotina torna-se tediosa, chata, impossível de ser seguida. Na organização neoliberal contemporânea é preciso inovação, novidade, surpresa. A ideia de rotina é moderna. O contemporâneo anseia por atualizações e elas precisam ser rápidas e certeiras, não há margem para erro; caso contrário, a adesão cai e a rejeição aumenta — essa é a nova característica da sociedade atual.

#### **4. Resistências e devires digitais**

Antes de entrar em questões de resistências e devires digitais, precisa-se, primeiro, assimilar o sentido da palavra devir. De uma forma geral, o termo significa “transformar-se em”, ou seja, relaciona-se às transformações experimentadas pelas coisas ao longo de sua existência. Diante um conceito filosófico, considerando, principalmente, as proposições de Heráclito<sup>23</sup> sobre o termo, tem-se que ir à origem dos conceitos.

Descomplicadamente, pode-se descrever desta forma: para existir determinado conceito deve um conceito oposto a ele existir também. A existência da ideia de luz implica na existência da ideia de escuridão e vice-versa. Essa lógica aplica-se a qualquer termo e

---

<sup>23</sup> Filósofo responsável por desenvolver as teorias e pensamentos de “mudança das coisas”. Para ele, tudo está em constantes transformações; tudo flui.

conceito já definido, pois, se não houvesse essa oposição, não seria necessária uma classificação dos acontecimentos e fenômenos, visto que eles seriam naturalizados e aceitos como a “forma correta” em que as coisas sucedem.

À vista disso, surge a filosofia do devir, onde, segundo Heráclito, a mudança é a única certeza que se tem sobre as coisas do mundo. Assim, o termo pode ser considerado como a aceitação do caráter mutável da existência, sendo ele a única afirmação da realidade. Portanto, trabalhar-se-á devir como algo similar a “vir a ser” — a possibilidade de transformação e mudança que as coisas possuem durante sua existência.

Considerando essa conceituação, pode-se, agora, argumentar sobre as resistências e devires digitais contemporâneos.

Frente à perspectiva de que todas as coisas são passíveis de mudança e que essa mudança, é o único caráter infalível da existência, entende-se que a tecnologia e as funcionalidades digitais como são conhecidas hoje passarão por processos de transformações, sejam atualizações, seja o surgimento de novos dispositivos tecnológicos, em que suas formas de utilização e finalidade podem ser modificadas.

Assim, analisar-se-á os entendimentos sobre as modificações e reordenações sociais mediadas pela tecnologia, assim como as possibilidade de resistência na era digital. Além disso, hipotetizar-se-á sobre o futuro da tecnologia e quais seus efeitos colaterais nos processos interativos humanos.

#### **4.1. Quais são as formas de resistência?**

A busca pela construção de canais de comunicação e processos de sociabilidade na sociedade contemporânea, sobre a visão da ideologia neoliberal, obriga os indivíduos a adaptarem-se a tal raciocínio de tal modo que suas individualidades e singularidades são perdidas no meio, de modo a encaixarem-se nas predições e formas de controle dessa racionalidade. Nessa organização social, as subjetividades transformam-se em massa de manobra a partir da utilização dos dados individuais coletados por ferramentas, como o já citado *big data*.

Diante disso, para evitar a manutenção e seguimento dessa sociedade controlada por processos algorítmicos e uma lógica vigilante, onde toda e qualquer ação é vigiada, armazenada, investigada e alterada em função do controle nessa era do capitalismo de vigilância, é preciso resistir. A resistência, aqui, não como um processo físico, tangível, em que indivíduos vão às ruas reivindicar seus direitos e a funcionalidade da democracia; é uma

resistência ideológica e digital contra as preposições contemporâneas de controle em uma sociedade submersa em governamentalidade algorítmica.

Atualmente, há um entendimento generalizado de que os processos algorítmicos são anti-falha, isentos de erros, portanto, impermeáveis à revisão e inquestionáveis quanto ao seu funcionamento. No entanto, há grupos que resistem a essa naturalização dos algoritmos e a tratá-los como perfeitos, principalmente aqueles que possuem um entendimento maior sobre as questões contemporâneas de controle de dados e tecnopolítica. Desse modo, percebe-se o início de processos de resistência perante à organização neoliberal e à algoritmização contemporânea.

Para seguir adiante nas análises sobre possíveis formas de resistências digitais, é preciso, primeiro, entender o que é entendido como tecnopolítica, visto que sua conceituação e entendimento conectam-se e possibilitam diversas formas de resistir à naturalização do controle mediado pela tecnologia.

Segundo o MediaLab UFRJ, laboratório experimental da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenado pela pesquisadora e professora Fernanda Bruno:

Este eixo explora os diversos modos de habitar e agir coletivamente nas redes sociotécnicas contemporâneas. Trata sobretudo das implicações políticas e sociais das tecnologias, seja no campo do exercício do poder e do controle, seja no campo das táticas de resistência e de ação coletiva.<sup>24</sup>

Logo, compreende-se que a tecnopolítica surge para entender processos contemporâneos relacionados à tecnologia, de modo a trabalhar com pautas político-sociais entrelaçadas com os meios tecnológicos atuais. Consequentemente, trabalhando com formas de poder, controle e vigilância no ambiente digital, além de formas de resistência e de se resistir, sendo esse último essencial para o entendimento do presente capítulo.

O movimento de resistência e o pensar contrafluxo em um período de vigilância e controle de dados, acompanha o desenvolvimento de grupos tecno e criptoativistas que utilizam seus conhecimentos acerca das funcionalidades tecnológicas atuais, assim como sobre a informação como medida de controle, e hipotetizam possibilidade de se resistir contra essa normalidade contemporânea e garantir um espaço justo e igual a todos os usuários.

Dentre desse recorte podem ser citados grupos e redes ativistas como: Lavits<sup>25</sup> — cujo objetivo é promover um espaço de interação entre pesquisadores, ativistas e resistências

---

<sup>24</sup> MediaLab UFRJ em descrição apresentada no site no projeto: <https://medialabufrj.net/eixos/tecnopolitica/>

<sup>25</sup> Rede latino-americana de estudos sobre vigilância, tecnologia e sociedade.

relacionadas às temáticas de tecnologia, controle e sociedade; Coalizão Direitos na Rede — agrupamento de coletivos e entidades que visam a defesa dos direitos do meio digital; e o *Algorithmic Justice League* — projeto que objetiva expor o caráter preconceituoso e excludente dos algoritmos. Esses grupos, portanto, levantam questões quanto aos efeitos colaterais das transformações em fluxo no campo da tecnologia e sua usabilidade, e interrogam os direitos humanos — privacidade, acesso à informação — dentro desse mesmo ambiente (PARRA, 2018).

Dentro desses grupos de resistência, porém, os modos como a tecnologia influi sobre os métodos de sociabilidade e como esses objetos de comunicação são percebidos pelos indivíduos levantam opiniões diferentes entre os ativistas. Conforme Parra, alguns consideram a organização social sobre uma perspectiva tecnodeterminista, em que as ações humanas e políticas sociais pouco importam sobre um contexto tecnológico; outros, entendem ser impossível diferenciar os fluxos tecnológicos dos processos de comunicação e interatividade humana, sendo eles influenciados pelos métodos de regulação social (Ibid., 2018). Nessa perspectiva, e ainda em base na argumentação do autor supracitado, pensa-se sobre uma articulação dividida em que a tecnologia em toda sua funcionalidade e especificidade de produção e disseminação de informações, assim como seu processamento de dados, funciona sobre uma lógica de regulação social, permitindo, desse modo, um espaço igualitário de utilização, conforma práticas justas, éticas e morais.

Diante de uma sociedade pautada pela lógica neoliberal e submetida à governamentalidade algorítmica, como a extração e o processamento de dados, as liberdades individuais e coletivas são postas em risco, por meio do preceito “para o bem comum”, assim como os direitos humanos, em um contexto em que os algoritmos não são métodos anti-falhas ou imparciais. Pelo contrário, as desigualdades e preconceitos são silenciados nas dinâmicas algorítmicas (BRUNO, 2019), como denunciam diversos projetos e grupos ativistas que visam ao combate do caráter enviesado dos algoritmos e a uma utilização do digital mais justa. Aqui entram, assim, os tecno e criptoativistas que hipotetizam maneiras de preservação da privacidade individual em um mundo conectado 24/7, em uma tentativa de colocar a tecnologia e a digitalização global sobre uma ótica de regulação social, em que as fronteiras do público e do privado são respeitadas, concomitante às singularidades individuais.

Em contrapartida, nessa organização mediada pela tecnologia, em que cada funcionalidade humana é prevista, vigiada e controlada, os limites do público e privado são violados a partir dos dispositivos tecnológicos utilizados. Não só se adentra um período de crise individual, com as ações humanas reguladas pelos algoritmos e modeladas conforme o

desejo das máquinas, mas também de crise de privacidade, em que uma fusão entre os espaços públicos e privados toma conta da arrumação social.

Quando coloco informações sobre minha vida íntima num ambiente de fácil leitura (como uma rede social online), considero que essas informações não ameaçam a minha privacidade. Em suma, balizamos nossa percepção sobre nossa privacidade em função de expectativas relativas à capacidade dos outros de respeitar a fronteira que estabelecemos entre o nosso universo público e o privado. Em cada ambiente, em cada meio de comunicação que utilizamos, em cada interação social, essa fronteira é estabelecida de maneira diferente. O surgimento de novas tecnologias (de comunicação ou de visualização) modifica radicalmente essas fronteiras. Sempre que surge uma nova tecnologia de comunicação somos surpreendidos em algum aspecto de nossas práticas culturalmente estabelecidas. (PARRA, 2018, p. 5)

O controle humano sobre sua própria privacidade perde-se diante do influxo de informações mediadas pela tecnologia. A comunicação transforma-se em fonte de extração de recursos para os algoritmos e permite manipulação de contextos individuais na era da não privacidade. O uso rotineiro e constante das ferramentas tecnológicas tornam suas implicações de controle, predição e vigilância invisíveis nas mãos de seus usuários (MCLUHAN, 1996). Sob uma ótica de internet das coisas, onde cada dispositivo com acesso às redes está conectado entre si, em uma grande cadeia de armazenamento e processamento de informações, a capacidade de regulação da privacidade individual escapa do poder humano (PARRA, 2018). O digital ignora a cautela humana e, a partir do “consentimento informado” (Ibid., 2018), extrai as informações necessárias para ordenar os indivíduos.

Na era da governamentalidade algorítmica, não há mais subjetividade. Os indivíduos em toda sua unicidade são, agora, produtos da mesma produtora: a tecnologia. Na padronização de individualidades, o contato com o controverso, o opositório, esvai-se; há apenas uma mesma massa de opiniões e normas de conduta que guiam e controlam o homem. O fim da privacidade no espaço digital é, também, o fim da diferenciação individual — a sociedade torna-se, assim, uma grande rede de comunicação e sociabilidades altamente preditiva, conforme o desejo dos algoritmos.

É nessa perspectiva que entra a importância dos tecno e ciberativistas e suas preposições para se resistir à normalidade tecnológica contemporânea. Para isso, contudo, é necessário entender a descentralização de poder que acontece na contemporaneidade — se antes o centro de tudo eram as ações individuais e as subjetividades produzidas por cada indivíduo; hoje, o núcleo são os dados coletados desses indivíduos. Pensar em resistência é, portanto, entender a lógica do deslocamento desse poderio e repensar na relação homem-tecnologia, principalmente, sobre um ponto de vista em que a codependência

tecnológica pesa para o lado da tecnologia, gradualmente abandonando os desejos e quereres humanos.

Coletivamente teremos de fazer escolhas políticas importantes sobre algumas práticas que hoje estão no núcleo da reprodução da economia da internet. Com as novas tecnologias de poder, sob os novos arranjos entre estados e corporações da comunicação digital que dão forma à governamentalidade algorítmica, o livre acesso à informação e a liberdade de se comunicar confundem-se com as novas formas de servidão maquínica e sujeição social. Além de interrogarmos a escolha reducionista entre privacidade, segurança e liberdade, especialmente num momento em que a mentalidade securitária e a expansão do Estado policial corroem a democracia em toda parte, a defesa da liberdade depende da coprodução e da manutenção de um novo comum. (Ibidem., 2018, p. 13)

No mais, deve-se considerar não apenas questões de violação de privacidade e deslocamento de poder nas redes “datafizadas”, governadas por algoritmos, mas também o caráter parcial das máquinas. Com o fenômeno de padronização acional, a falta de oposição torna-se central; os indivíduos buscam por termos, conceitos, questionamentos em suas abas de pesquisa nos servidores de *internet* e se deparam com os mesmos resultados. As buscas, cada vez mais, assemelham-se umas às outras e produzem os dados necessários para aproximar seus respectivos resultados. A opção e liberdade de verificação de fatos, *fact checking*, cai na armadilha da predição algorítmica — o objeto é sugerido na própria aba de pesquisa enquanto o próprio indivíduo escreve-o. Por conseguinte, tem-se uma série de pesquisas e resultados iguais. A dúvida não é mais individual, e, sim, coletiva.

Diante desse processo de coletivização dos questionamentos humanos, surgem as denominadas bolhas digitais — um ambiente em rede onde as ideias e ideologias multiplicam-se e se reproduzem, levando indivíduos a acreditarem que suas opiniões são as opiniões da maioria, enquanto, verdadeiramente, apenas membros daquela bolha podem compartilhar dos mesmos pensamentos. As ações transformam-se em espaços de coletividade e abrem caminho ao viés dos algoritmos.

Por causa disso, existem projetos em rede especialmente desenvolvidos para ir contra a maré algorítmica e propor novos modos de pensar criticamente na contemporaneidade, sobre uma organização baseada em preceitos tecnológicos, assim como expor as imperfeições algorítmicas percebidas durante pesquisas e análises.

Conforme Fernanda Bruno,

Esses projetos de “resistência” são fundamentais para criar ruídos, levantar problemas e promover algumas pausas (mesmo que breves) no ritmo frenético com que avança a vigilância mediada por algoritmos. [...] Em

âmbito global, essa ênfase no viés algorítmico tem sido recorrente e ela é importante por pelo menos duas razões: a primeira é a de colocar um dedo na ferida do discurso que proclama uma maior imparcialidade ou neutralidade nos processos e decisões mediados ou executados por algoritmos [...] a segunda razão da importância desses projetos e pesquisas: eles abrem um pouco da caixa preta dos algoritmos e nos convocam a pensar e agir tecnopoliticamente, provocando as plataformas digitais e seus usuários a, pelo menos, levarem isso em conta.<sup>26</sup>

Sendo assim, é preciso criticar o modo como os algoritmos guiam e controlam as redes de comunicação e sociabilidade humana e, em simultâneo, pensar sobre uma visão tecnopolítica acerca das possíveis resistências a tais formas de controle contemporâneas. Deve-se refletir não apenas sobre o sujeito como uno, mas em uma perspectiva de intrinsecabilidade e codependência tecnológica, onde a tecnologia desempenha papel simbiótico diante dos processos interativos individuais.

#### **4.2. O futuro das interações humanas**

Decerto é difícil teorizar acerca dos desdobramentos futuros concernentes ao desenvolvimento tecnológico, bem como o funcionamento dos algoritmos, e aos processos de interação humana, principalmente, relacionados à comunicação e à sociabilidade. No entanto, o objetivo deste capítulo é discorrer sobre as possibilidades a recair sobre a sociedade, considerando as questões analisadas anteriormente, ao longo do trabalho, para essa hipótese.

Em um contexto no qual tudo está em constantes transformações, não diferiria isso com a tecnologia. Tudo que se conhece hoje e se tem como normalidade, poderá mudar diante da inevitabilidade do tempo. Mudanças podem ocorrer não somente em aspectos físicos e tangíveis — como, por exemplo, o aperfeiçoamento de ferramentas tecnológicas, novos modelos de carro —, mas também no campo das ideias e saberes. Novamente a humanidade poderá deparar-se com deslocamentos de poder e centralidades, onde, quem sabe, a tecnologia como se entende atualmente não é mais funcional, porém obsoleta, ultrapassada.

Ao longo deste século, o indivíduo passou, cada vez mais, a depender da tecnologia, desenvolvendo uma relação de codependência com essa e sendo ponto de origem para diversas transformações sociais e globais. No entanto, devido à proximidade dessa interação homem-tecnologia, não conseguiu o sujeito compreender inteiramente o funcionamento dos processos tecnológicos, isso porque se encontra nuclearmente envolvido em todas as funcionalidades que a tecnologia na contemporaneidade implica (BRIDLE, 2019). Controlando os modos de pensar e agir, os algoritmos perpetuaram-se como fundamentais

---

<sup>26</sup> Fernanda Bruno, 2019, em entrevista para a DigiLabour.

para o funcionamento e seguimento da contemporaneidade, diante de uma lógica onde os processos de “dataficação” fazem parte das rotinas individuais e coletivas, em organizações políticas, econômicas, sociais, comunicativas.

Nesse raciocínio, e considerando os movimentos e observações dos tecno e ciberativistas, deve-se pensar em novas formas de interação tecnológica, onde a relação homem-tecnologia não seja tão simbiótica e codependente. Precisa-se questionar o funcionamento das atuais e novas tecnologias — para que servem? A quem servem? Por que servem? —, para entender como elas funcionam e, assim, deslocar novamente a centralidade do poder, de tal forma que o indivíduo não fique à mercê dessa. Os processos de resistência, então, tornam-se indispensáveis para se teorizar acerca do futuro das interações humanas mediadas pelo digital.

Sobre uma perspectiva de não questionamento tecnológico, o sujeito transforma-se em produto da tecnologia, uma *commodity*<sup>27</sup> de dados pronta para fornecer informação aos algoritmos e ajudar na manutenção de seu próprio controle. Desventura-se, ainda, nesse campo, onde as funcionalidades tecnológicas permanecem auxiliando o homem a alcançar maior desempenho, prosperidade econômica-financeira, paz produtiva, e se idealizam novas interações do indivíduo com o digital.

Nos campos do audiovisual e da literatura, principalmente, criam-se possibilidades de uma nova organização social mediada pela tecnologia, em que essa toma conta ainda mais das vidas humanas e se torna não apenas objeto central da contemporaneidade, mas também da pós-contemporaneidade. Não raro encontrar obras nesses espaços que trabalham questões de inteligência artificial, controle e dominação tecnológicos. Sobre essa característica de controle acional contemporânea realizada pelas diferentes tecnologias, muitos são os artistas que visam a produzir obras que criticam essas condutas. Se no campo acadêmico tem-se os tecno e ciberativistas, no campo das artes, pode-se apontar cineastas como denunciadores de uma dinâmica predadora fruto da relação simbiótica homem-tecnologia. A criação de uma sociedade desenvolvida ao redor da tecnologia — em oposição ao que se tem hoje, uma sociedade que, sim, volve ao redor do funcionamento tecnológico, mas, foi antes de tudo, fundadora desse espaço — é pauta comum em histórias utópicas e distópicas que trabalham o desenvolvimento do digital em larga escala.

À vista disso, analisar-se-á essa questão com base nos recursos imagéticos trazidos por obras cinematográficas, como *Black Mirror*, *Her* e *Years and Years*.

---

<sup>27</sup> Matéria-prima indispensável para a produção de recursos global.

No universo da cinematografia, séries e filmes com roteiros e sinopses de utopias e distopias fazem sucesso entre as pessoas globalmente. Um exemplo disso é a série *Black Mirror* (2011) que ganhou muita popularidade em suas últimas temporadas devido ao seu caráter perturbador, desconfortável e preditivo do futuro humano. A produção foi comprada pela plataforma de *streaming* Netflix em 2015, que encomendou uma terceira temporada — mais incômoda e crítica à relação homem-tecnologia.

De acordo com Charlie Brooker, criador da obra,

“A área entre prazer e desconforto é onde se situa Black Mirror, minha nova série de drama. O termo “*black mirror*” [tela preta em português] é o que você irá encontrar em cada parede, em cada mesa, na palma de todas as mãos: a tela fria e brilhante de uma TV, um monitor, um celular.”<sup>28</sup>

Com episódios que lidam com o hiperdesenvolvimento tecnológico e a ideia de dependência do indivíduo com a tecnologia, a série possui 22 episódios antológicos divididos em 5 temporadas no total, tendo cada um deles um elenco completamente diferente, assim como a história. A única ligação entre esses capítulos são a relação com a tecnologia e um crescente sentimento de paranoia tecnológica.

Para melhor entender do que se trata essa produção e como ela se relaciona com o presente trabalho, serão utilizados 2 episódios da série:

- 1) *The Entire History of You* (Toda a sua história) — episódio 3, temporada 1.
- 2) *Nosedive* (Queda livre) — episódio 1, temporada 3.

No primeiro, é abordada uma situação em que a humanidade implantou um chipe atrás da orelha para registrar tudo o que cada indivíduo vê e ouve. No segundo, um implante ocular e um celular mapeiam e classificam cada interação social dos indivíduos de 0-5 (péssimo a ótimo, respectivamente) a partir de suas interações on-line e pessoalmente. Em ambos os episódios, tem-se a relação homem-tecnologia como central para o funcionamento da história. Essa interação tornou-se tão comum que os indivíduos vivem os seus cotidianos pautados em excessos, vícios e dependências. Sem questionar a funcionalidade dos dispositivos, nas duas histórias, os protagonistas têm suas vidas perturbadas pelos mecanismos digitais que, com o objetivo primário de facilitar hábitos e rotinas, acabam por prejudicá-los intra e interpessoalmente.

Ao decorrer das histórias, percebem-se os efeitos colaterais de uma sociedade controlada por fundamentos tecnológicos — conforme as previsões e ideias dos roteiristas — e compreende-se uma crítica ao funcionamento social humano mediado por tecnologias que,

---

<sup>28</sup> Charlie Brooker sobre Black Mirror em fala para o jornal The Guardian, 2011. Trecho em tradução livre.

sem análises e críticas, entrará em uma era ainda mais dependente e controlada, onde não haverá mais qualquer interação humana que não seja observada, armazenada ou guiada por tecnologias.

Por sua vez, com outra abordagem tecnológica, o filme *Her* (2013) — no Brasil, “Ela” —, trabalha com noções de relacionamento e afeto diante de um contexto de inteligência artificial. A obra acompanha um homem que desenvolve sentimentos por um sistema operacional computadorizado e pode ser interpretado como uma crítica ao futuro dos relacionamentos, onde o digital talvez seja o novo centro das condutas humanas.

Nessa produção, as subjetividades individuais são colocadas em pauta a partir das noções de afeto, amor e sociabilidade apresentadas no decorrer do longa. O protagonista, abalado pelo fim do seu casamento, inicia um romance com sua assistente virtual e os dois desenvolvem sentimentos mútuos de carinho e afeição. Na história, não é claro em qual ano passa-se o filme, porém é interpretável que a construção da narrativa é situada em um futuro onde os dispositivos tecnológicos são melhor desenvolvidos e a humanidade volve ao redor do funcionamento de tais ferramentas, estando à mercê de suas funcionalidades.

É interessante frisar que, nessa obra, além do retrato futuro da interação homem-tecnologia, tem-se, também, um retrato dos comportamentos tecnológicos a partir de uma visão da própria tecnologia, no caso como inteligência artificial. Assim, são apresentadas ao telespectador críticas, pensamentos e hipóteses sobre não apenas o futuro das relações humanas, mas também de qual forma os mecanismos e dispositivos tecnológicos utilizados na contemporaneidade podem evoluir frente a uma perspectiva autorreguladora e autodesenvolvimentista do próprio digital.

Além disso, ainda sobre uma visão de alto desenvolvimento tecnológico com e para a comunicação, sociabilidade e relacionamentos humanos, traz-se como última obra audiovisual referencial a série *Years and Years* (2019), da plataforma de *streaming* HBO.

Se por um lado *Black Mirror* trabalha a relação homem-tecnologia a partir de uma visão simbiótica e *Her*, de uma visão relacional; por outro, *Years and Years* é a fusão das duas visões apresentadas anteriormente. Com uma visão menos distópica do futuro, a série constrói sua narrativa ao redor de uma família que, conforme passam os anos, torna-se mais conectada e dependente da tecnologia. O diferencial dessa obra, contudo, é seu caráter mais realístico e fundamentado de um possível futuro, repleto de crises econômicas, políticas, de imigrantes, concomitante a uma premissa de hiperdesenvolvimento tecnológico, em que é apresentada a humanidade a possibilidade de se maquinar e aos indivíduos de aproximarem seus corpos às máquinas.

Com o avanço tecnológico instável no decorrer da série, são trazidas diversas reflexões acerca do futuro das relações humanas, tanto as mediadas pelo digital, quanto as construídas no mundo off-line. Nesse conceito futurístico, mas atento a realidade, a produção desenvolve-se em um crescente de tensão, paranoia e desconfortos para com o futuro da humanidade.

Assim sendo, percebe-se que preposições sobre o futuro é temática recorrente na atualidade, principalmente considerando o rápido desenvolvimento tecnológico apresentado na contemporaneidade. Obras de ficção científica deixaram de expor futuros improváveis e passaram a trabalhar com possibilidades, de certa forma tangíveis, à humanidade. Com caráter tecnodeterminista, muitas produções baseiam-se nesse acelerado crescimento das tecnologias e como elas têm perpetuado-se nas práticas sociais para apresentar hipóteses aterrorizantes da vindoura relação homem-tecnologia.

Nesse espaço de preposições e pensamentos sobre o que será da humanidade à medida que se desenvolve, social e tecnologicamente, desencadeiam-se críticas à velocidade do desenvolvimento, à dependência e ao caráter acrítico dos indivíduos. Desse modo, enxerga-se um futuro onde a organização social não se desvincula do digital, mas imbrica-se de tal forma que se impossibilita pensar em qualquer interação humana sem a mediação da tecnologia.

As tecnologias que informam e moldam nossas percepções presentes da realidade não vão sumir, e em muitos casos nem devíamos querer que elas sumam. Nossos sistemas atuais de manutenção da vida em um planeta de 7,5 bilhões dependem delas. Nosso entendimento desses sistemas e de suas ramificações, e as opções conscientes que fazemos em seu projeto, no aqui e agora, continuam plenamente condizentes com nossas capacidades. Não somos impotentes, não ficamos sem devir e não somos limitados pelas trevas. Só temos de pensar, e pensar de novo, e continuar pensando. A rede — nós, nossas máquinas e as coisas que pensamos e descobrimos juntos — exige. (BRIDLE, 2019, p. 314-315)

Na nova sociedade, portanto, a tecnologia configura-se como fator essencial para o decorrer das vidas humanas. Não há possibilidade de um futuro que os dispositivos tecnológicos e digitais não façam parte. No entanto, deve o sujeito se impor frente a tecnologia, de modo a exigir outro deslocamento de centralidade, dessa vez, voltando à humanidade como centro da sociabilidade e a tecnologia, assim, voltando a ser o canal de interações e comunicações, e não matéria central de desenvolvimentos inter e intrapessoal.

## 5. Considerações Finais

Às bases da racionalidade neoliberal globalizada, a sociedade contemporânea organiza-se de tal forma a adaptar-se a lógica estruturalista e acional da atualidade, articulando-se ao redor da tecnologia e normalizando comportamentos de dependência, excessos e vícios. Mediados pelas ferramentas digitais, os processos de comunicação e sociabilidade reconfiguram-se em níveis quase moleculares, onde as interações com o outro dependem da tecnologia, e essa abandona seu posto como canal de comunicação e transmissão de informação e se torna ambiente central onde se desenvolvem as relações humanas.

Com um funcionamento que rompe as barreiras do mundo tangível, os comportamentos humanos na esfera digital ultrapassam as fronteiras da interação física, além das fronteiras do trabalho, lazer, entretenimento, e se reconstróem diante dos preceitos neoliberais. A necessidade de alto desempenho e produtividade, a desconstrução das noções de lazer e descanso, e o alcance de resultados a qualquer custo são frutos desse raciocínio que reconfigura, modifica e leva os corpos humanos ao extremo (HAN, 2010). O pensamento de continuidade 24/7, em que as ações individuais não devem ter fim, dever sem imparáveis e incansáveis (EHRENBERG, 2010), articula-se sobre as tecnologias contemporâneas, transformando cotidianos e rotinas em processos dependentes do funcionamento tecnológico.

Além disso, diante do acelerado crescimento tecnológico atual, onde dispositivos conectados ao digital tornam-se obsoletos e desatualizados em questão de dias, restou ao indivíduo adaptar-se a essa estruturação, de modo a permanecer nos limites do neoliberalismo, concomitante aos ideais de utilização tecnológica para o bem comum. Nesse sentido e com o advento da globalização, os processos de comunicação, sociabilidade e interação tornaram-se mais velozes, incessantes e globais, em que grande parte do mundo atual tem acesso às formas contínuas de transmissão e compartilhamento de informações e conteúdos. Essas informações, por sua vez, não são compartilhadas somente com preceitos informativos, mas são manipuladas e difundidas conforme seus detentores desejam, configurando-se assim como ideologia na era da informação globalizada (SANTOS, M., 2000).

Frente a isso, adentra-se uma era onde os dados apresentam-se como fundamentos de controle social. O capitalismo torna-se capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2018) — as informações e dados pessoais cedidos conscientemente pelos usuários das tecnologias fazem-se base para o aprimoramento e desenvolvimento de novos dispositivos digitais —, e a

informação torna-se bem mais valioso da contemporaneidade, substituindo a validade de dinheiro (VILALTA, 2020). Dessa configuração fundamental da sociedade, desenvolve-se uma relação de hierarquia entre tecnologia e indivíduo, em que a primeira comanda a segunda por meio de métricas e previsões acionais conforme uma lógica algorítmica.

O capitalismo de vigilância, então, efeito colateral da ideologia neoliberal atrelada às tecnologias contemporâneas, recria dinâmicas individuais e coletivas, padronizando hábitos e controlando indivíduos conforme necessário. O centro do poder atual desloca-se do sujeito para a máquina — a tecnologia, fruto do pensar dos homens, toma o controle da sociedade e se estabelece como núcleo de processos comunicativos e da sociabilidade. Inevitável, assim, escapar da governamentalidade algorítmica, período esse em que os algoritmos dos dispositivos tecnológicos utilizados nos dia a dia armazenam, processam e transformam informações, ditando modos de ser e agir na contemporaneidade (BRUNO, 2019).

Conseqüentemente, não se tem mais o agir individual e as subjetividades como pontos de consideração na atualidade. As singularidades perdem-se no meio e as informações são utilizadas segundo os desejos e quererres de quem as detém. O indivíduo transforma-se em massa de manobra e se adentra um momento de crise individual — não há mais diferenciação nos hábitos e ações humanos; a diferenciação é prejudicial à era da informação e do controle de dados. O indivíduo não é mais agente ativo na contemporaneidade, mas passivo e à mercê das tecnologias de controle (HAN, 2018).

A era da governamentalidade algorítmica é, portanto, um período de controle individual e coletivo, onde as informações dos usuários são postas em rede e utilizadas para análise e como mecanismos de predição e controle das massas (BRUNO, 2019). A comunicação e a sociabilidade são obrigatoriamente mediadas pela tecnologia, e o homem, mais uma vez, perde a luta contra o neoliberalismo — dessa vez renunciando sua própria individualidade à ideologia neoliberal globalizada, em que ideais de produtividade, desempenho e ações são premeditadas e já estabelecidas nas raízes sociais.

Entendedores dos campos de tecnologia e comunicação, no que lhe concernem, buscam, dessa maneira, ir contra a maré, diante dessa sociedade quase robótica, efeito colateral da algoritmização da vida. Originam, assim, grupos ativistas que problematizam o caráter acrítico contemporâneo para com as tecnologias (Ibid., 2019) e hipotetizam formas de resistência contra essa fundamentação tecnológica-digital. Nesse sentido, não basta ter consciência das concepções neoliberais contemporâneas, nem das métricas e fundamentos de controle de dados, caso não sejam pensadas formas de resistência digital.

A organização social hoje é obrigatoriamente mediada por tecnologia. Qualquer aspecto da funcionalidade humana, seja comunicação ou sociabilidade, é guiado e controlado por procedimentos tecnológicos. A contemporaneidade, portanto, é a era do homem-máquina, do indivíduo sem subjetividade, acrítico. A tecnologia é centro gravitacional em que revolvem todas as interações humanas. Pensar na contemporaneidade, assim, é pensar na relação do indivíduo com o digital; é pensar nas novas relações de poder e dinâmicas sociais apresentadas na era da dataficação das coisas.

## REFERÊNCIAS

- AGENCIA DICYT. **Tecnologia e contemporaneidade**. Disponível em: <<https://www.dicyt.com/noticia/tecnologia-e-contemporaneidade>>. Acesso em: 26 jul. 2022.
- ALEXANDRO, V. **Tinder registra 42% de aumento nos matches durante a pandemia**. Disponível em: <<https://gkpb.com.br/61664/tinder-estudo-interacoes/>>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- Algorithmic Justice League - Unmasking AI harms and biases**. Disponível em: <<https://www.ajl.org/>>. Acesso em: 1 out. 2022.
- ANTOLINI, M. C.; REBOUÇAS, E. **Globalização e tirania da informação: a formação de cidadãos na democracia neoliberal**. Passagens, v. 6, n. 2, p. 6–19, 2015.
- BARBOSA, M. **O conceito de devir a partir da filosofia da diferença**. Disponível em: <[https://gefelit.net/anais/Anais\\_II\\_p082\\_Maicon\\_Barbosa.pdf](https://gefelit.net/anais/Anais_II_p082_Maicon_Barbosa.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2022.
- BARROS, A; JUNQUEIRA, R. Em: **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2005.
- BATISTA, D. **Pandemia e qualidade de vida: estudo aponta tristeza, ansiedade e solidão como sentimentos frequentes** | CEE Fiocruz. Disponível em: <<https://cee.fiocruz.br/?q=Pandemia-e-qualidade-de-vida-estudo-aponta-tristeza-ansiedade-e-solidao-como-sentimentos-frequentes>>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- BBC. **Brasileiro é povo que mais sente solidão na pandemia, aponta ranking - BBC News Brasil**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56275133>>. Acesso em: 26 jul. 2022.
- BLACK MIRROR. **Black Mirror (TV Series 2011–2019) - IMDb**. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt2085059/episodes>>. Acesso em: 8 ago. 2022.
- BRIDLE, J. **A Nova Idade das Trevas: A tecnologia e o fim do futuro**. São Paulo, Ed: Todavia, 2019.
- BROOKER, C. **Charlie Brooker: the dark side of our gadget addiction**. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/technology/2011/dec/01/charlie-brooker-dark-side-gadget-addiction-black-mirror>>. Acesso em: 9 ago. 2022.

BRUNO, F. “**UFRJ, Eco-Pós. 2o Conversações Eco.Pós: Internet, política e crise democrática.**” YouTube, 30 abril 21. Disponível em: <<https://bit.ly/3vIY4PB>>.

BRUNO, F. et al. **Tecnopolíticas da Vigilância.** São Paulo, Ed: Boitempo, 2018.

CRARY, Jonathan. **24/7 – Capitalismo tardio e os fins do sono.** Tradução Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naif, 2014.

CERQUEIRA-NETO, S; SANTOS, C. **A Ciência e a Tecnologia na Visão de Milton Santos.** PDF—GeoTextos: [s.n.].

COLUNAS TORTAS. 17. **Governamentalidade - Foucault | Desvendando a Microfísica do Poder, vídeo 17.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nTwjbVxW1NA>>. Acesso em: 9 jul. 2022.

COULDRY, N. **Media, Society, World Social Theory and Digital Media Practice.** Reino Unido: Polity Press, 2012.

DARDOT, P; LAVAL, C. **A Nova Razão do Mundo.** Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Ed. Boitempo, 2016.

DEL CARMEN, G. **Apps de namoro crescem na pandemia; conheça os 7 melhores.** Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/06/apps-de-namoro-crescem-na-pandemia-conheca-os-7-melhores/>>. Acesso em: 3 jul. 2022.

DI DOMENICO, M. **A epidemia da solidão.** Disponível em: <<https://vocerh.abril.com.br/especiais/a-epidemia-da-solidao/>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

DIGILABOUR. **Tecnopolítica, racionalidade algorítmica e mundo como laboratório: entrevista com Fernanda Bruno.** Disponível em: <<https://digilabour.com.br/2019/10/25/tecnopolitica-racionalidade-algoritmica-e-mundo-como-laboratorio-entrevista-com-fernanda-bruno/>>. Acesso em: 30 jul. 2022.

EHRENBERG, A. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa.** Org. e Tradução Pedro F. Bendassolli. São Paulo: Editora Ideias e Letras, 2010.

EMERGING TECHNOLOGY. **First Evidence That Online Dating Is Changing the Nature of Society**. Disponível em:

<<https://www.technologyreview.com/2017/10/10/148701/first-evidence-that-online-dating-is-changing-the-nature-of-society/>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

FEENBERG, A. **Democratizing Technology**. Nova Iorque: Ed. State University of New York Press, 2009.

FRANÇA, V. et al. **Comunicação e sociabilidade: perspectivas no campo da comunicação**. Galáxia (São Paulo), n. 44, p. 201–218, ago. 2020.

FRANTA, C. **Note to Self**. Nova Iorque: Ed. Simon & Schuster, 2017.

GIL, R. **A tirania da informação | NPC**. Disponível em:

<<https://nucleopiratininga.org.br/a-tirania-da-informacao/>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

GIOIA, F. et al. **The Effects of the Fear of Missing Out on People’s Social Networking Sites Use During the COVID-19 Pandemic: The Mediating Role of Online Relational Closeness and Individuals’ Online Communication Attitude**. *Frontiers in Psychiatry*, v. 12, 18 fev. 2021.

GONÇALVES, A. L. **Apps de namoro batem recordes de uso durante pandemia**.

Disponível em:

<<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/222644-apps-namoro-batem-recordes-uso-durante-pandemia.htm>>. Acesso em: 2 jul. 2022.

GUEDES, E; SILVA, M; SANTOS, P. **Esforços comunicacionais para a construção de relacionamentos na contemporaneidade: mediações e tecnologia**. *Revistacomsoc.pt*. Disponível em: <<https://bit.ly/3jCEhOl>>.

GUPTA, M.; SHARMA, A. **Fear of missing out: A brief overview of origin, theoretical underpinnings and relationship with mental health**. *World Journal of Clinical Cases*, v. 9, n. 19, p. 4881–4889, 6 jul. 2021.

HAN, B. **No Enxame**. Rio de Janeiro, Ed: Vozes, 2018.

HAN, B. **A Sociedade do Cansaço**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2010.

HER. **Her (Movie 2013) - IMDb**. Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt1798709/>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

JR, A. F.; JR, A. F. **Estudo mostra como os apps de encontro mudaram nossa forma de se relacionar**. Disponível em: <<https://gizmodo.uol.com.br/apps-encontros-mudaram-relacionamentos-sociedade/>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

KOETSIER, J. **Saiba quais foram os aplicativos mais baixados - e os mais lucrativos - de 2020**. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/01/saiba-quais-foram-os-aplicativos-mais-baixados-e-os-mais-lucrativos-de-2020/>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

**Lavits**. Disponível em: <<https://lavits.org/a-lavits-pt/>>. Acesso em: 1 out. 2022.

LEME, A. A. **Neoliberalismo, globalização e reformas do estado: reflexões acerca da temática**. Barbaroi, n. 32, p. 114–138, 1 jun. 2010.

LÉVY, P. **A revolução contemporânea em matéria de comunicação**. Rio Grande do Sul: Revista FAMECOS (n.o 9), p 37-49.

LUIZ, A. **Apps de namoro batem recordes de uso durante pandemia**. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/222644-apps-namoro-batem-recordes-uso-durante-pandemia.htm>>. Acesso em: 2 ago. 2022.

MARTINO, L. Em vídeo para Casa do Saber: **“O que é o afeto? Uma visão a partir de Spinoza.”** Disponível em: <<https://bit.ly/3Bglxds>>.

MARTINS, A; JUNIOR, C. **Deslocamentos na Governamentalidade: a subjetivação como resistência ético-política em Foucault**. Revista Psicologia Política, v. 13, n. 27, p. 245–259, 2013.

**Match Group - Investor Relations**. Disponível em: <<https://ir.mtch.com/overview/default.aspx>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

MATTOS, C. **Na quarentena, aplicativos como o Tinder ganharam nova função**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/tecnologia/na-quarentena-aplicativos-como-o-tinder-ganharam-nova-funcao/>>. Acesso em: 4 jul. 2022.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1996.

OLHAR DIGITAL. **Mesmo com pandemia, Tinder está entre os apps mais rentáveis de junho**. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2020/07/17/noticias/mesmo-com-pandemia-tinder-esta-entre-os-apps-mais-rentaveis-de-junho/>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

OLIVEIRA, L. **O Conceito de Governamentalidade em Michel Foucault**. PDF—UFRJ: [s.n.].

OLIVEIRA, S; ALMEIDA, V; TROTTA, L. **As tecnologias e o mundo globalizado: reflexões sobre o cotidiano contemporâneo**. Cecierj.edu.br. Disponível em: <<https://bit.ly/3jFUjXP>>.

ORTEGA, J.; HERGOVICH, P. **The Strength of Absent Ties: Social Integration via Online Dating**. SSRN Electronic Journal, 2017.

PARRA, H. **Experiências Com Tecnoativistas: Resistências Na Política Do Dividual?** [s.l: s.n.]. Disponível em: <[https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/53350/Experiencias-com-tecnoativistas\\_Henrique-Parra.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/53350/Experiencias-com-tecnoativistas_Henrique-Parra.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 6 ago. 2022.

PEREIRA, F. **Pesquisa revela que 60% dos brasileiros usam aplicativo de relacionamentos** -. Disponível em: <<https://agenciaibr.com.br/pesquisa-revela-que-60-dos-brasileiros-usam-aplicativo-de-relacionamentos/>>. Acesso em: 5 jul. 2022.

PIRES, M. F. DE C.; REIS, J. R. T. **Globalização, neoliberalismo e universidade: algumas considerações**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 3, n. 4, p. 29–39, fev. 1999.

PONIEWOZIK, J. **Review: In “Years and Years,” Things Fall Apart, Fast**. The New York Times, 23 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/06/23/arts/television/years-and-years-review-hbo.html>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, W. **Globalização e geografia em Milton Santos**. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-124h.htm>>. Acesso em: 2 jul. 2022.

RILEY, J. **“Her”**: Spike Jonze Brings His Singular Vision to the Year’s Most Offbeat Romance. Disponível em:

<<https://variety.com/2013/film/news/her-spike-jonze-scarlett-johansson-joaquin-phoenix-1200938214/>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

ROGERS, C. **O que significa tornar-se pessoa**. Em: Rogers, C., Tornar-se pessoa. São Paulo: WMF Martins Fontes.

SANTOS, S. C. DOS. **Tinder: uma etnografia sobre encontros, socialidades e experimentações de si**. Mana, v. 27, 10 set. 2021.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCOTT, E. **Do You Have FOMO? Here Is How to Cope**. Disponível em:

<<https://www.verywellmind.com/how-to-cope-with-fomo-4174664#:~:text=What%20Is%20FOMO%3F>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

SHEARING, H. **Pandemia mudou modo como pessoas dão “match”, diz chefe do Tinder**. BBC News Brasil, 22 jun. 2021.

SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro. Ed. Contraponto, 2005.

SILVA, J. L.; GOMES, H. **A informação em devir(es): uma reflexão filosófica no contexto da(s) disciplinaridade(s)**. Disponível em: <<https://bit.ly/3e1H440>>. Acesso em: 24 set. 2022.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

TEIXEIRA, L. **Aplicativos de paquera se adaptam à era do distanciamento social**.

Disponível em:

<<https://forbes.com.br/forbes-tech/2020/04/aplicativos-de-paquera-se-adaptam-a-era-do-distanciamento-social/>>. Acesso em: 3 jul. 2022.

TELES, E. **Governamentalidade Algorítmica E As Subjetivações Rarfeitas**. Kriterion: Revista de Filosofia, v. 59, p. 429–448, 2018.

**Tinder | Bate papo. Amizade. Encontro.** Disponível em: <<https://tinder.com/pt>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

**Tinder se compromete com a verificação de identidade para membros globalmente, sendo pioneiro na categoria de apps de relacionamento.** Disponível em: <<https://br.tinderpressroom.com/Tinder-se-compromete-com-Verificacao-de-Identidade-para-membros-globalmente>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

TURITS, M. **O lado sombrio dos aplicativos de relacionamento.** Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-57886015>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

UFRJ. **MediaLab.** Disponível em: <<https://medialabufrj.net/>>. Acesso em: 5 ago. 2022.

VILALTA, L. **O neoliberalismo é uma governamentalidade algorítmica.** Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2020/07/27/n-9-07/>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

VOGT, C. **Tecnologia e contemporaneidade.** ComCiência, n. 131, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/3E9gqxA>>.

XAVIER, M; NEVES, T. **Por uma vida afetada - afetos, tecnologia e vínculos na contemporaneidade.** Ufrn.br. Disponível em: <<https://bit.ly/3EeLkEP>>.

YEARS AND YEARS. **Years and Years (Limited Series 2019) - IMDb.** Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt8694364>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

ZUBOFF, S. **A Era do Capitalismo de Vigilância.** Rio de Janeiro, Ed: Intrínseca, 2019.